



CHEGADA DE UM COMBOIO DE FERIDOS A BUCHAREST.

A GUERRA tem sempre duas partes distinctas e diametralmente oppostas. É uma toda poesia, brilhantismo e gloria. É o sol d'Austerlitz esclarecendo os campos da Moscowa. É Ney carregando a ponte de Friedland. Napoleão passando a ponte d'Arcole. Rapp a levar á carga os esquadões de couraceiros na batalha de Wagram. São estes os grandes typos, as grandes expressões que impressionam, porque as maiores glorias, talvez, que n'este mundo circumdam os homens, são as que se adquirem pelas armas. Mas este quadro tem seu reverso; mas este brilhantismo tem sua sombra: que horriveis, que horrorosos males não causa a guerra á humanidade! É só o general que entra como triumphador na capital enthusiamada; todas as vistas são para elle, toda a gloria é sua; ninguém se lembra quantos milhares de vidas se perderam, quanta fome, quanto sangue, quanto incendio originou essa gloria, que brilha um momento, para logo desaparecer com esse homem! Gloria que ás vezes um revez faz perder, ou, quando muito, fica durando nos livros, para entreter e distrahir os ocios de algum leitor descansado, que se enthusiasma com o pomposo das descripções, sem se recordar das infelicidades que ellas encobrem.

A civilisação tem modificado essencialmente o caracter da guerra; mas os males, que ella occasiona, ainda são extraordinarios, diriamos até incalculaveis. Olhae para o Oriente, e esta é, talvez, a guerra menos sanguinolenta de quantas se tem feito, havendo tantas forças em campo; e, no entretanto, vêde quantas vidas já tem custado, de quantas desgraças e transtornos tem sido causa; mas, não obstante, se os turcos vencerem, militarmente

fallando, avultará só um grande nome, — Omer-Pachá.

Quem fallará no pobre e perseverante soldado razo, que, de joelho em terra e espingarda á cara, se conservou 12 horas a fio nas escavações do Arab-Teb, para impedir que os russos avançassem? Pelo contrario, se a Russia vencesse, a fama apregoaria o heroismo do Czar; Gorstchakoff e Paskieswitz dictariam as leis em S. Petersburgo, e ninguém fallaria n'esses pobres soldados, que caíram victimas do chamado dever, e que, uns mortos, outros mutilados, teriam concorrido para satisfazer a ambição do Czar, e ganhariam com seu sangue a gloria dos seus generaes. — Fallaremos nós ao menos d'elles.

As noticias da guerra actual têm tido ao menos a vantagem de propagar os conhecimentos de geographia; ha um anno muito poucas pessoas saberiam onde era, e o que era o Bucharest; hoje quasi todos sabem, que é a capital da Vallachia, um dos principados danubianos. A nossa estampa representa, pois, a chegada de um comboio de feridos a esta capital, depois da batalha de Oltenitza.

Mais de um edificio d'aquella cidade foi por essa occasião transformado em hospital, e faz-se subir acima de mil o numero de feridos, que entraram na cidade, o que sempre nos pareceu exaggerado. No entanto, muitos ou poucos, foi aquelle o primeiro sangue derramado n'esta lucta; quando, e qual será o ultimo? É um segredo que pertence á Providencia.

No interesse da humanidade parece já ter corrido sufficiente, e ainda agora a guerra principiou. Oxalá que a sua terminação fosse rapida e prompta, como o exige o estado actual da Europa, e, pôde dizer-se, as conveniencias de todo o mundo.



VIAGENS.

A PASSAGEM DO NORTE.

(Continuado de pag. 183 do 6.º n.º)



As narrações dos prisioneiros e dos naufragos têm sempre um atractivo poderoso, até mesmo na sua uniformidade e monotonia. É este genero de interesse, que apresentam as aventuras d'este pequeno numero de marítimos, que deixámos, ha dois annos, no gèlo em um recanto do mar arctico; vimos como tinham passado o primeiro, e depois o segundo inverno, pois passam o terceiro da mesma maneira! Devemos estar lembrados, que o capitão Mac-Clure se tinha alojado na bahia da Misericordia a 24 de setembro de 1851, e que no mez d'abril de 1852 tinha ido a pé deixar aviso da sua posição na terra de Melville. Tinha voltado, 8 dias depois, para o seu navio, onde achou a equipagem em bom estado. A caçada tinha sido feliz, e havia ainda do seu producto mais de mil libras de mantimentos a bordo.

Podia-se esperar que o estio derretesse o gèlo, e permittisse ao navio sair do seu asylo e continuar a viagem, mas esperou-se em vão. A primavera passou, seguiu-se o estio, e o gèlo ficou immovel. No fim do mez de agosto foi necessario resignar-se a começar outro inverno; podia-se andar perfeitamente a pé por toda a superficie da bahia; a terra cobria-se já de neve; os passaros selvagens já tinham dirigido o seu vôo para outras regiões, e as poucas flores que alegravam estes sitios desolados, tinham desaparecido.

Esta estação, diz o commandante, deve ser chamada um longo dia sem sol, porque, desde o fim de maio, pôde dizer-se que este astro se não tornou visível, nem a sua influencia se fez sentir sobre as massas de gèlo, que encham completamente o estreito, de um lado ao outro, e não julgo que o mar do pólo se tenha derretido este anno, porque não vimos uma gota d'agua sequer n'esta direcção.

Quando o capitão Mac-Clure viu, que de-

via passar ainda o inverno no gèlo, reuniu a equipagem, e lhe annunciou as suas intenções. O seu projecto era mandar metade da tripulação no mez d'abril seguinte para Inglaterra pelo caminho da bahia de Baffin e da ribeira Mackensie. A outra metade devia ficar com elle, na esperança que o navio podesse livrar-se da sua prisão em o estio de 1853, senão ir-se-hiam embora em 1854, procurando o porto Leopoldo em os seus trenós: a escassez das provisões tornava esta medida necessaria; a ração de cada homem, já ha mais de um anno, que tinha sido reduzida a um terço, e havia ainda em perspectiva 18 mezes! É n'este momento, e por esta occasião, que Mac-Clure escrevia a sua irmã: — «O verão de 1852 não foi mais do que uma continuação, um pouco moderada, do inverno; o gèlo não chegou a derreter-se. Ver-me-hei obrigado a mandar embora este anno metade da equipagem, parte pelos baleeiros da bahia de Baffin, parte pelo Mackensie; d'outra maneira, n'esta terra de desolação, os mantimentos nos faltariam. Espero que esta medida, que tom debaixo da minha responsabilidade, para salvar o navio, e tambem, talvez, pela pequena vaidade bem perdoavel, de poder trazel-o para Inglaterra, será approvada pelo almirantado.»

A resolução annunciada pelo capitão foi bem recebida pela equipagem, e prepararam-se para passar o inverno no interior do navio. As escotilhas fecharam-se, e a tolda cobriu-se com uma camada de 18 pollegadas de neve. Os canudos do vapor davam uma ventilação sufficiente, e conservavam na coberta uma atmosphera saudavel.

Chegando o dia 26 de outubro, que era o anniversario da deseoberta da passagem pelo canal denominado do *Principe de Galles*, resolveu-se que se celebraria este dia: o capi-

tão mandou distribuir ração dobrada, e um segundo copo de *grog*; a noite passou-se alegremente com danças e cantorias. Avistava-se ainda muita caça, mas muito difficil de apanhar. Parece que os gamos não deixam esta terra ingrata, mesmo durante o inverno: sustentam-se principalmente com uma especie de salgueiro, que desenterram, escavando a neve com os pés; quando o tempo está socegado, ouve-se distinctamente a uma grande distancia a bulha que fazem n'estas occasiões.

Foi d'esta maneira, que os prisioneiros chegaram ao dia 25 de dezembro, a esta festa do natal, a esta funcção domestica e popular dos inglezes; agora deixemos fallar o capitão:

— «Como era, diz elle, o ultimo dia de natal, que deviamos passar juntos, a equipagem resolveu celebral-o de uma maneira memoravel. Cada mesa foi alegremente illuminada, e adornada com as pinturas dos nossos artistas de bordo, que representavam um navio em todas as suas perigosas posições no mar do pólo; mas o ornamento principal foram enormes pudins, pesando os seus 25 arrateis, com bocados de gamo e lebres assadas, não fallando nas saborosas sôpas feitas de caça. Creio que um tal luxo, e uma tal profusão nunca brilharam na coberta de um navio; um estrangeiro que fosse testemunha d'esta scena, nunca teria pensado que via uma equipagem, que tinha passado mais de dois annos n'estas regiões isoladas, entregue inteiramente a seus proprios recursos, e no entanto gozando uma excellente saude. Uma reunião tão alegre de certo encheria de prazer o coração de todo o official, quaesquer que fossem as circumstancias; mas n'esta situação abandonada não pude deixar de ficar profundamente commovido, contemplando este espectaculo alegre e consolador, e pensando nas grandes misericordias que nos concedia a Providencia, a quem só é devido o nosso sincero reconhecimento por todos os beneficios que nos tem pordigalidado no meio das situações as mais difficultosas, que se pôde conceber. Não ha alguma cousa de bem sublime e affectuoso n'esta festa religiosa e nacional, n'esta festa de familia, celebrada assim n'um canto perdido do mundo por homens, que pensavam, sem duvida, em suas mães, em suas mulheres, em seus filhos, e em todos os prazeres de familia, que este dia solemne lhes recordava?»

Depois de quatro mezes passados no fundo d'este tumulto, os captivos levantam a espessa camada de neve, que, á maneira de uma mortalha, tinham estendida sobre si, e tornam enfim a ver a luz do dia. O jornal do commandante salta sem transição para o mez de

março, e começa assim: «Primeiro de março, o mais sombrio e o mais triste do nosso tempo passou, e na realidade foi custoso. O frio d'estes dois ultimos mezes tornou-se excessivo; houve em janeiro 44 graus abaixo de zero ($6^{\circ}7/10$ c.) dezesete mais que o ultimo anno em igual epocha; um dia, o thermometro desceu a 65 ($18^{\circ}9/10$ c.), e ficou em 62 ($16^{\circ}7/10$ c.) durante 24 horas. Eu duvidaria da exactidão do instrumento se não o tivesse verificado; mas o estado da minha equipagem igualmente o indicava... O frio tinha produzido muita humidade na coberta, e não podiamos fazer fogo bastante para o combater. O numero dos doentes subiu por um momento a 19, quasi todos de escorbuto e de hydropesia, mas hoje baixou a 10.»

Vê-se que era urgente cuidar na separação projectada. O capitão empregou toda a equipagem durante o mez de março em deitar lastro n'uma especie de caminho na direcção do mar, na esperanza de apressar a quebra do gêlo; depois mandou abonar ração por inteiro aos homens destinados a partir para os mandar em boa disposição physica. Por uma felicidade inaudita não tinha perdido um unico homem desde o principio da viagem, o que attribue, em parte, ao excellento sustento, que a equipagem tinha podido obter sempre, já pelos abundantes reforços de caça, já pelas carnes de conserva trazidas de Inglaterra, e tambem pelo sumo de limão, que era de uma qualidade superior, e tinha sido uma excellente anti-escorbutoico. Como verdadeiro irlandez que é, o capitão tributa particularmente grandes elogios á conserva de batatas. Devemo-nos lembrar tambem, que, dois annos antes, quando estava na primeira passagem descoberta por elle, tinha deixado sobre uma pequena ilha um deposito de mantimentos. O seu projecto era mandar procural-os alli para sustentar a equipagem, no caso que tivesse ainda a passar o inverno na bahia da Misericordia. O momento da separação foi fixado para os primeiros dias d'abril; o capitão tomou as suas ultimas disposições. Eis-aqui o itinerario que se decidiu, e que podêmos seguir nas cartas.

O tenente Haswell, com uma parte da equipagem, seguirá pelo estreito de Barrow a procurar a ilha de Beechey á entrada do canal Wellington, e onde se sabe por um aviso deixado o anno antecedente na ilha de Melville, que ha um deposito de mantimentos. Alli poderão tomar passagem em os navios baleeiros, que visitam estes mares, e voltar pela bahia de Baffin e estreito de Davis.

Por outra parte o bravo tenente Cresswell,

aquelle que tinha já explorado toda a costa da ilha de Banks e Baring, irá por terra até ao canal onde tinham passado o inverno em 1850; seguirá pela ilha onde tinha deixado os mantimentos, e de lá procurará pelo grande rio, isto é, o Mackensie, alcançar a bahia d'Hudson. Quanto ao primeiro e ao mais bravo de todos, o capitão Mac-Clure, com os homens que de boa vontade o quizerem acompanhar, ficará ainda um anno n'este navio, que está ainda tão solido, diz elle, como no primeiro dia em que entrou no gèlo, e se o verão os não vier livrar, irão em trenós e a pé, demandar o porto Leopoldo no estreito de Barrow. Não ha livro algum de Cooper, que seja tão romanesco como esta historia.

Tudo está prompto para a partida; o mez d'abril chegou, e com elle o dia das despedidas, que talvez sejam eternas. Mas um successo extraordinario, inesperado, uma scena de theatro, veiu mudar todas estas disposições. Que nos seja permittido usar aqui do privilegio de romancistas, e transportar-nos por um instante a outros logares d'onde deveremos trazer novos personagens.

Em quanto o *Investigador* ia à procura da passagem do Norte e de Franklin, pelo estreito de Behring, outros navios iam para o mesmo fim pelo estreito de Davis e a bahia de Baffin.

Sir Eduardo Belcher, com o navio a vapor *l'Assistance*, chegou a um dos mais altos pontos conhecidos; passou o inverno de 52 para 53 no gèlo, em 76 graus de latitude, na extremidade do canal marcado com o nome de canal Wellington. O ponto mais remoto, alcançado por elle n'estas regiões, recebeu o nome de Archipelago Victoria. Ora, passando da extremidade do pólo arctico à do pólo antarctico, acha-se que o ultimo ponto conhecido d'este outro lado, e que foi descoberto pelo capitão Ross, foi tambem denominado por elle Terra de Victoria, o que faz dizer aos inglezes, que o nome de Victoria reina de um pólo ao outro, e que o dominio britanico abraça as duas extremidades do mundo.

Sir Eduardo Belcher descobriu tambem, que os pontos marcados nas cartas debaixo do nome de Bahias de Jones e de Smith, eram um duplo canal communicando com o grande mar do pólo. Conjectura-se, tanto quanto é possivel, n'estes casos, que Franklin navegou n'um d'estes canaes, e que foi arrastado para os gèlos polares, este avaro Acheronte que nunca restitue a sua preza. Tudo o que se póde imaginar quanto a sorte possivel de Franklin e de seus companheiros é puramente hypothetico. O homem n'este mundo, que tem mais

dados para formar a este respeito algumas supposições é o almirante Parry, que julga que elles ficaram enterrados no gèlo em o alto mar.

Franklin tinha um navio a vapor, e podia ir mais longe do que tinha ido Parry em 1819 com os navios de véla. Tinha sempre anunciado a intenção de penetrar pelo canal Wellington, e é possivel que o fizesse com uma estação favoravel.

«Porque, dizia outro dia o almirante Parry, não se póde imaginar a differença que causa n'estes mares uma estação favoravel ou uma estação desfavoravel; ninguém póde acreditar as mudanças rapidas que se operam no gèlo. Achei-me algumas vezes bloqueado durante dois ou tres dias de maneira tal, que do alto dos mastros não se podia descobrir um intervallo do tamanho de uma garrafa, e 24 horas depois não se avistava um unico fragmento de gèlo, por pequeno que fosse, sem que se podesse saber a causa d'esta mudança. Franklin talvez podesse, n'uma estação favoravel, subir este braço de mar, e com o vapor ir tão longe ao noroeste, que quando quiz voltar achou a passagem tapada. Tudo o que hoje se sabe a respeito de Franklin, é que esteve na ilha de Beechey, que serviu de quartel general aos novos exploradores em 1852, porque se achou ahi a sepultura de 3 dos seus marinheiros; mas alli acabam todos os vestigios dos navios.»

Em quanto Sir Eduardo Belcher passava o inverno junto ao Archipelago Victoria, mandou fazer muitas expedições em trenós. Uma d'ellas chegou até à ilha de Melville, a pouca distancia do logar onde pela sua parte passava o inverno o capitão Kellett, que commandava o *Heraldo* e o *Resolu*.

O capitão Kellett era aquelle que tinha sido encontrado ultimamente em 1850 pelo capitão Mac-Clure antes que este tivesse penetrado no estreito de Behring. Foi elle que teve a singular fortuna de primeiro o tornar a achar, e é por seu intermedio, que nós vamos abrir communições com o *Investigador* e sua valorosa equipagem.

Já dissemos que na primavera de 1852 o capitão Mac-Clure tinha ido da Bahia da Misericordia a través do gèlo até à ilha de Melville, e ahi tinha deixado o jornal da sua viagem, e o aviso da sua situação na ilha de Banks. Estes signaes tinham sido achados pelo capitão Kellett, que acabava de passar o inverno de 1852 a 1853 na ilha de Melville, e foram a salvação dos prisioneiros, que deixámos promptos a partir para a sua expedição final. Desde que a primavera permittiu

começar as excursões, o capitão Kellett mandou uma pequena parte da sua gente em trenós à procura dos seus bravos compatriotas.

O 6 d'abril de 1853 foi um dia para sempre memoravel para o capitão Mac-Clure e seus companheiros. N'este dia o capitão e o primeiro dos seus tenentes passeavam sobre o gelo, quando viram ao longe uma forma humana, que vinha ao seu encontro. Ao principio julgaram que era algum dos homens da sua equipagem; mas chegados a uns cem passos, gritaram-lhe: «Quem vive?» e o estrangeiro, que produziu o effeito de uma aparição, respondeu-lhe na linguagem da sua patria: «O tenente Pim do navio de S. M., o *Heraldo*, capitão Kellett.» Nós mesmos renunciámos a dizer os sentimentos que lhes causou este encontro milagroso e providencial; deixaremos fallar os actores d'esta scena verdadeiramente affectuosa. Eis-aqui o que o capitão Mac-Clure escrevia a sua irmã: «O tenente surgiu no meio de nós como uma especie de aparição. Tinha-se adiantado no seu trenó, e havia chegado sem ser percebido tão perto do nosso navio, que o tinhamos tomado ao principio por um dos nossos. Quando descobrimos o engano não posso dizer a sensação que experimentámos. Da desanimação, a equipagem passou de repente ao excesso de alegria e de felicidade. Graças a Deus, consideravamos agora como salvos. No dia seguinte, 7 d'abril, puz-me em marcha através do estreito para ir procurar os nossos salvadores; a recepção que me fizeram escuso de dizer ao teu bom coração, que compensou amplamente as privações e os perigos por que eu tinha passado.»

A seguinte carta é escripta pelo capitão Kellett, que em a *Resoluta* esperava a volta do seu tenente. Este voltava effectivamente do *Investigador* com o capitão Mac-Clure, e uma parte da equipagem que vinha visitar os seus libertadores.

«Este dia, diz o capitão, será marcado com tinta vermelha em a nossa viagem, e será ce-

lebrado como um dia de festa por nossos filhos e successores. Esta manhã (19 d'abril) o vigia fez signal de um destacamento que chegava do lado do Léste; todos saíram para ir ao seu encontro; fez logo signal de uma segunda porção de tropa. O doutor Denville foi o primeiro a quem eu fallei. Não posso dizer o que experimentei quando me disse, que o capitão Mac-Clure fazia parte do segundo troço de gente. Não me demorei muito tempo em o encontrar, e dei-lhe muitos e bem cordiaes abraços. Nunca se trocaram n'este mundo mais puros e sinceros cumprimentos. Mac-Clure tem bella apparencia, não obstante queixar-se de muita fome. A historia do seu encontro com Pim na Bahia da Misericordia teria fornecido um bello assumpto ao capitão Marryatt, se fosse ainda vivo.»

Parece que Mac-Clure e seu primeiro tenente passeavam sobre o gelo. Vendo alguém, que vinha muito depressa para o seu lado, julgaram que era um homem perseguido por um urso. Foram ao seu encontro, e chegados a uns cem passos de distancia, viram que não era nenhum dos seus. Pim principiou a dar gritos e a agitar os braços (este official tem o semblante escuro como um chapéu), então o capitão e o tenente pararam, porque estavam muito longe para o poder entender.

Por fim, o recém-chegado os alcançou, inteiramente fóra de si, e como Mac-Clure lhe gritava: «Quem sois vós, d'onde vindes?» respondeu muito cançado: «Tenente Pim, *Heraldo*, capitão Kellett.» Mac-Clure não comprehendia nada, porque eu tinha sido o ultimo a quem elle tinha dado um apêto de mão no estreito de Behring. Descobriu enfim que este estrangeiro solitario era um verdadeiro inglez, um anjo de luz, como elle diz. Avistou-se bem depressa o navio, e como havia só uma escotilha aberta, a equipagem se achou completamente amontuada, querendo todos passar ao mesmo tempo. Os doentes saltaram todos fóra das suas macas, e tudo mudou de aspecto dentro do navio.

(Continúa).



LUIZ NAPOLEÃO BONAPARTE,

IMPERADOR DOS FRANCEZES.

(Continuado de pag. 178 do 6.º n.º)

II.

Logo que se publicou a lei de 31 de maio, a maioria, que já não duvidava do seu triumpho, arroja a mascara que tinha adoptado, e prepara-se para o ataque. As suas intrigas tomam corpo; as suas esperanças revelam-se; o seu grito de guerra é a *realeza*, a sua senha, — a *fusão*. — O presidente, cujas mãos estão sempre promptas a soccorrer os infelizes, mas que precisa meios para isso, como para as despesas que o seu novo estado exige, pede ao parlamento um subsidio; a maioria hesita, e está quasi a ponto de o recusar; mas mr. Thiers faz um signal; o Monk da colligação sobe à tribuna, e com um rasgo da sua eloquencia, e iam quasi a dizer, de um golpe da sua espada, corta, novo Alexandre, o nó gordio da questão. A maioria obtem por esta especie de comedia, um duplo resultado; torna a concessão do subsidio ultrajante, ao mesmo tempo que obriga Luiz Napoleão a conservar por gratidão no seu posto o general que o salvou da affronta de uma rejeição. Poucos dias depois a assembléa é prorogada.

Nomeia-se uma commissão permanente. Que nomes vão sair da urna do escrutinio? Os mais reconhecidamente hostis ao poder executivo, e à republica.

Então começam com grande estentação as visitas a Wiesbaden, onde existe o conde de Chambord, e a Claremont onde agoniza Luiz Philippe. Durante este tempo, Napoleão passa revistas, ou percorre a França, fazendo ouvir em toda a parte palavras patrioticas; mas os cavalheiros *errantes* da realeza *errante* estão de volta. Ouvis os grandes clamores que levantam estes ardentes republicanos encarecendo os perigos, que tem corrido a republica durante a sua ausencia? Ovações feitas pelo exercito a Luiz Napoleão em os campos

de Satory, — traição! Acclamação de Luiz Napoleão pelos departamentos, — traição! Sociedade 10 de dezembro, — companhia de malfeitores a soldo de Luiz Napoleão! O irascivel mr. Baze vem até declarar, sem se rir, a seus collegas, que fingem acreditar-o, que dois dos membros d'esta sociedade infame se têm empenhado, por juramento, a apunhalar, um o commandante do exercito de Paris, outro o presidente da assembléa! Entretanto, todas estas accusações, todos estes escandalos encham o paiz de receios; é tempo que Luiz Napoleão o tranquillise. Quebra, finalmente, a espada do general Changarnier, esta espada, sem cessar, suspensa sobre a sua cabeça, e sobre o proprio paiz, como uma ameaça e como um desafio.

O furor da maioria recresce, o ministerio cae, e é substituido por um ministerio escolhido fóra da assembléa. Luiz Napoleão pede uma nova dotação; nada de mais dotações, responde a maioria, de que é órgão mr. Thiers, que não quer que o *imperio se faça*. Dois milhões de assignaturas, e oitenta e quatro conselhos geraes manifestam o desejo de que a constituição seja revista. É uma questão de vida ou de morte para a França. Que importa! a revisão é rejeitada. Luiz Napoleão responde a este novo ataque da maioria pelo golpe o mais terrivel, que póde jogar-lhe. Reclama o restabelecimento do suffragio universal, que nunca deixou de ser para elle um dogma. A maioria, no delirio da sua colera, não falla em nada menos do que em o mandar a Vincennes, e de se erigir em Convenção... monarchica. Entretanto, os tres questores apresentam uma proposição tendente a obter para o presidente da assembléa, ou seus delegados, o direito de requisição directa, isto é, de commandar o exercito inteiro, e a guarda nacional de Paris. Que teria resultado da adopção d'esta proposta, que um discurso de mr. Michel de Bourges fez rejeitar?

Faz tremer só o pensar n'isso. A colligação perdeu a batalha; ella conhece-o, e muda de expediente. Como? procurando entender-se com o presidente, e pondo-se á sua disposição por um golpe d'estado contra o partido socialista da assembléa; cujo voto acaba de roubar-lhe a sua unica probabilidade de bom resultado.

Não era necessaria uma victima ao seu odio? Mas Luiz Napoleão não a escuta: o seu pensamento está n'outro sitio; e em quanto a maioria se agita e se estorce na sua raiva impotente, — socegado, como o imperador em a noite que o sol d'Austerlitz veiu dissipar, prepara no silencio do gabinete, e conclue o plano do seu golpe d'estado de dezembro.

A força de juizo, o vigor, a firmeza d'alma, o tacto, e a felicidade com que foi dado este golpe, a historia o dirá, e, como nós, ha de reconhecer ahí o dedo de Deus. Humildes biographos, não temos a contar em suas particularidades, tão cheias de interesse, este novo 18 *brumaire*, cuja feliz realisação nos salvou da anarchia, para nos levar aos bellos dias do consulado; limite-me-nos, pois, a recordar essa saudação immensa com que o paiz acolheu o desfecho d'este acto solemne. Foi por oito milhões de votos espontaneos e livres, que este nobre paiz, tão cruelmente posto á prova, ha mais de 60 annos, protestou, tanto contra as tendencias de uns para um passado, que não poderia tornar a apparecer, como contra as aspirações de outros para um futuro, que não poderia brilhar um instante sobre as nossas cabeças senão como os incendios, isto é, para se apagar bem depressa sob uma chuva de lagrimas e de sangue.

Foi por oito milhões de votos livres e espontaneos, que este paiz, n'uma expansão de entusiasmo e admiração, confiou os seus destinos nas mãos do homem providencial, cuja iniciativa energica o arrancou, tanto ás seduccões do socialismo, como aos abraços perfidos dos antigos partidos.

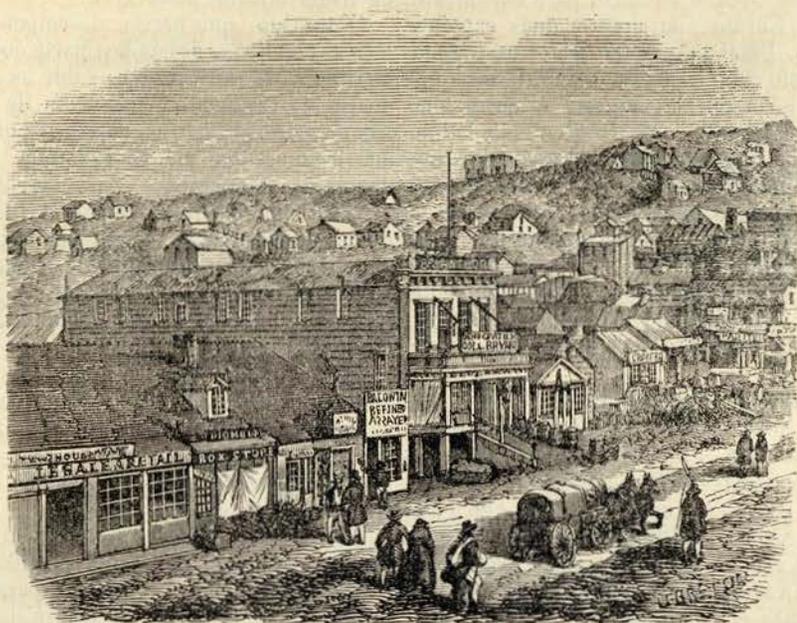
Que sagração se pôde comparar a este baptismo popular? Que throno val este poder? A França viu Luiz Napoleão luctando no meio das difficuldades, e dos embaraços da crise intoleravel, que lhe tinha creado uma situação absurda; viu-o a trabalhar desde o dia em que, saindo do caminho da legalidade para entrar no do direito, pela unica inspiração do seu patriotismo, substituiu momentaneamente, em nome do povo, a sua dictadura a todos os seus poderes, e este sabe o que pôde esperar da sua sabedoria, da sua moderação,

e da sua inabalavel firmeza. É porque comprehendeu, finalmente, depois de tantos abalos dolorosos, que os governos fortes são os unicos que fazem os povos felizes, que a França o revestiu da força necessaria ao cumprimento da sua missão, que é terminar a epocha das agitações estereis para pôr a sociedade a caminho para uma epocha de paz, de ordem, de socego e de estabilidade.

Physicamente considerado, Luiz Napoleão Bonaparte, é de estatura mediana. Uma grande distincção respira em toda a sua pessoa; as suas maneiras são simples e nobres, a sua physionomia inculca benevolencia e finura. A sua vista, o seu sorrir indicam a bondade do seu coração. Quem o tractar de perto sente-se attrahido para elle, quem o conhece estima-o por força. A sua tranquillidade não é filha de um caracter impassivel, mas da consciencia da sua força; tem sabido sujeitar o seu natural á força da sua vontade; progrediu nos seus fins sem grande agitação; vê depressa e claro o amago dos negócios; conhece os homens a fundo, e raras vezes muda da sua primeira impressão: a sua memoria é muito feliz. A religião não é para elle, como se tem dito, uma impostura. A sua fé em Deus é viva e profunda, a confiança na sua estrella nunca o abandonou. A sua vida é sobria e muito occupada; á maneira do imperador, não dá ao somno senão o tempo que lhe não pôde tirar; a claridade do dia tem-o surpreendido mais de uma vez a trabalhar em o seu gabinete. Todos os actos do golpe d'estado, e a maior parte dos decretos, que se lhe seguiram, foram dictados ou escriptos por elle. O dito de mr. Broulay (de la Meurthe): «*E' o homem mais honrado que eu conheço*» tornou-se hoje a opinião de toda a França.

A sua palavra é simples, firme, precisa, rapida, mais abundante em idéas do que em imagens, é mais a de um pensador do que a de um poeta. O seu estylo recommenda-se pelas mesmas qualidades; não pinta, grava, ou se pinta é de um só rasgo. Tem horror á rhetorica. A sua expressão é sempre sobria e verdadeira. Todas as suas mensagens parecem escriptas ao buril.

Por não fallar aqui senão dos seus estudos sobre o passado e o futuro da artilheria, diremos, para terminar, que esta obra, pela sciencia e espirito de analyse, que revela, pelo profundo das suas vistas e elevação de pensamento, que a distinguem, lhe assegura um logar muito elevado entre os escriptores militares de todos os paizes, e de todos os tempos.



Praça da cidade de S. Francisco na California.

UM CAMINHO DE FERRO PARA A CALIFORNIA.

Que a imaginação pôde sonhar de mais gigantesco, o que o homem pôde conceber de mais audaz, o que ha um seculo a esta parte não pareceria só um impossivel, mas um desafio ao poder de Deus, querendo-o egualar ou exceder, está-se hoje executando, passa até desaperebido, sem que já, pelo costume, ninguem se admire, ou até se demore a duvidar da sua possibilidade!

Não basta que um homem percorra vinte leguas em uma hora, isto é, ande pouco mais devagar que uma bala d'artilheria, como muitas vinte leguas fazem por força muitas horas, em que o individuo se incommodava por ir assentado, a industria humana lhe prepara, dentro do proprio transporte, um bello e comodo passeio, onde se entrega aos prazeres do exercicio, em quanto a machina o arrasta com a rapidez do raio; ainda mais, podia ter fome; no fim de longo corredor, onde passaria de braço dado com a elegante Miss, tão commodamente como nos jardins da Nova-York, o americano do Norte encontra uma casa de pasto, um verdadeiro *hotel*, em que, desde o simples almoço até o mais excellen-

te jantar, tudo pôde pedir, e tudo ha de encontrar. Um gastronomo pôde percorrer hoje nos Estados-Unidos cem leguas a comer sempre, e se for *dos bons* não ficará satisfeito, porque no fim de contas o seu *parco* jantar durou cinco horas, quando muito!

Dadas todas estas vantagens e commodidades da viação, o nosso leitor que calcule a revolução espantosa que vai causar na America, e talvez no mundo, o projecto que hoje se discute, e que não está longe de ser posto em execução, um caminho de ferro de Nova-York á California!

A California é de ha muito uma realidade; esse paiz, em que por mais de dois annos a Europa recebeu acreditar como se fosse uma grande chimera, convenceu os mais incredulos: ha muito que se palpa o seu ouro, que se admiram as riquezas colossaes alli obtidas, que se fabricam barcos gigantescos para transportar para lá o maior numero de emigrados, e a maior quantidade possivel de mercadorias, que acham logo consumo por um preço que pareceria fabuloso nos mercados da Europa.

S. Francisco da California é, como todos sabem, no Oceano Pacifico, para chegar alli, indo da Europa, ha apenas duas carreiras seguidas. Uma mais longa e menos despendiosa, pelo cabo de Horn, mas esta demanda quasi seis mezes de viagem! A outra mais curta, mas muito mais cara, é pelo isthmo de Panamá, no entanto exige quasi dois mezes, porque é necessario dirigir directamente a Nova-York, e de lá tomar os vapores da carreira do Oceano Pacifico; porque, sem esta precaução, ha todo o risco de ficar demorado mezes inteiros no isthmo de Panamá. Por este segundo caminho as despezas calculadas, partindo do Havre, são as seguintes.

Do Havre de Grace a Nova-York, 450 francos, de Nova-York a Panamá 1,000 francos, de Panamá a S. Francisco 1,600 francos nos primeiros logares, e 800 nos segundos. Atravessar o isthmo não custa menos de 400 a 500 francos: são pois 3,500 francos (700,000 réis) o que se gastava ha muito pouco tempo para chegar á California em quasi dois mezes. Esta viagem não é ainda isenta de perigos; mesmo depois de chegar á vista d'esta California tão ambicionada, ha um canal de cinco milhas de comprimento, por uma de largura, designado pelo nome pomposo de *Crysopyles* (portas de ouro), e que forma a entrada da bahia de S. Francisco, que é muitas vezes difficil e perigoso para os navios de vèla, e mesmo para os vapores, por causa dos ventos, das nevoas e das correntes que ahi reinam, e grande numero de cachopos que avultam á flor d'agua; no fim d'este canal, o viajante espera encontrar um porto ou quando muito um lago, mas acha-se completamente enganado: diante d'elle desenvolve-se quasi um novo mediterraneo, esse porto de S. Francisco da California, que accommodaria bem á vontade todas as esquadras do mundo reunidas, pois mede doze leguas no seu maior comprimento do sudoeste ao noroeste.

Era este o trajecto, e estas as difficuldades a vencer para chegar da Europa á California; hoje parece estar-se a ponto de as fazer desaparecer quasi por encanto, por esse projecto immenso que occupa agora todas as intelligencias em os Estados-Unidos, e que é, como dissemos, o do caminho de ferro que deve ligar as principaes cidades d'este paiz com S. Francisco da California! A viagem da Europa a esta região quasi fabulosa fica assim reduzida a dezeseite dias!!

Ainda mais, este caminho não tem sómente por fim aproximar a cidade de S. Francisco do centro dos Estados-Unidos, mas tam-

bem collocar o Japão e a China a vinte e oito ou trinta dias de Nova-York.

O traçado, que parece desempenhar melhor as condições desejadas, parte do valle do Mississipi. O railway deve subir as margens do rio da Prata até á passagem de Bridger nas montanhas rocheas, descer depois o valle da Crique-Briter até ao Colorado, subindo depois até Timpanogos, para descer para o grande lago do Ittab. Depois a linha deve dirigir-se para Oeste, atravessando as diversas povoações dos Mormons, continuar até ao valle dos Tulorres, e atravessar o norte do valle de S. Joaquim para chegar a S. Francisco pelo povo de S. José.

Este caminho de ferro gigantesco tem de atravessar um paiz quasi inteiramente desconhecido. Imensos terrenos d'uma grande riqueza seriam cultivados, e uma zona de muitas leguas d'um e outro lado da linha seria immediatamente arroteada.

As distancias calcularam-se da maneira seguinte. Suppondo o ponto de partida em Jefferson, a distancia a percorrer para chegar á base das montanhas rocheas é de 380 leguas. D'este ponto á cidade do Lago, estabelecimento dos Mormons, contam-se 90 leguas; da cidade ás montanhas nevadas (Sierra Nevada) 280 leguas, e d'aqui a S. Francisco 140, total 890 leguas, isto é, quasi a mesma distancia que existe entre Paris e S. Petersburgo.

De S. Francisco á Serra Nevada a distancia é de 140 leguas de 4,000 metros, por consequencia 560,000 metros, a altura da passagem é de 2,100 metros, de maneira que, suppondo um declive uniforme, a inclinação será pouco mais de 0,003 por metro.

Este traçado tem a immensa vantagem de não passar senão em climas temperados, nunca descendo abaixo de 40° de latitude até entrar na California.

A engenharia americana saberá vencer estes obstaculos, e em alguns annos ver-se-ha uma obra digna da grande republica dos Estados-Unidos.

Mas em quanto nos não é permittido gozar da grande vantagem d'este caminho de ferro, e andar passeando, e a jantar, as 830 leguas que separam Jeffersson de S. Francisco, façamos ao menos uma idéa pelo desenho dos sitios que então havemos de ver. A nossa estampa representa a praça principal da cidade de S. Francisco, tirada a daguerreotypo, em 1851: bom é irmos vendo esta, porque quando lá chegar o caminho, a praça então existente sempre ha de fazer sua differença da praça de 1851.

A HOSPEDARIA DE S. NICOLAU EM NOVA-YORK.

EIS-AQUI o modelo das hospedarias passadas, presentes e futuras, e não temos receio algum de ser desmentidos, asseverando aos nossos leitores, que a hospedaria de S. Nicolau nos Estados-Unidos é a perfeição n'este genero.

A descripção, que d'ella vamos fazer, parece-nos será sufficiente para os convencer de que não somos exaggerados. Ignorâmos, é verdade, o que as gerações futuras poderão inventar para tornar mais commodas as hospedarias aos viajantes do que hoje o são nos Estados-Unidos; mas actualmente nada conhecemos superior a estas.

A hospedaria de S. Nicolau, situada no meio d'esta grande arteria da Nova-York, chamada Broad-way, á esquina das ruas de Mercer e de Spring, na parte mais frequentada da cidade imperial da União, cobre um terreno de seis mil metros quadrados (o metro é igual a 4,5454 palmos). O architecto construiu tres fachadas de um estylo, ao mesmo tempo, elegante e severo, e que se aproxima da ordem corinthia. A fachada principal, que deita para a rua de Broad-way, e tem o comprimento de 273 pés, é formada de marmore branco, que brilha como se estivesse esmaltado de pedras preciosas. Esta qualidade de marmore americano se não é propria para a estatuaría, é, comtudo, de muita utilidade para a architectura. Esta soberba fachada de marmore offerece uma perspectiva magnifica, em que a vista descança da monotonia produzida pelas construcções de pedra côr de chocolate e tijolos vermelhos, (estylo á Luiz XIII) que todas as casas particulares, com poucas excepções, seguem nos Estados-Unidos.

As outras duas fachadas são de pedra, e a mais comprida, que corre ao longo de Mercer-Street, tem 273 pés.

A porta principal da hospedaria abre-se sobre Broad-way, no centro do edificio; ha, fóra esta, outras quatro entradas, das quaes duas são especialmente destinadas ás senhoras, que habitam a hospedaria, ás suas familias, e ás visitas do bello sexo. As outras duas estão francas simplesmente aos criados encarregados do serviço da casa, e aos fornecedores;

mas no caso de incendio offereceriam uma saída facil para todos os moradores.

A hospedaria de S. Nicolau tem cinco andares, sem fallar no pavimento terreo. A altura media de cada andar é de 3 a 5 metros.

Entremos na hospedaria pelo portico que dá para Broad-way. Eis-nos em um vestibulo de 200 pés de profundidade, com as paredes estucadas ao modo italiano, cujo sólo é calçado de mamore de varias côres, formando um engraçado mosaico. Á direita está um salão destinado exclusivamente para os homens, e ao lado d'este o gabinete de leitura, onde se acham sobre as mesas e estantes, que correm ao longo das paredes, todos os jornaes dos Estados-Unidos e da Europa. Entra-se depois na casa do correio, que tem um empregado especial. Depois segue-se a *mordomia*, isto é, a casa do mordomo e dos outros superiores; é este o ponto central onde convergem todas as ordens dos viajantes, que habitam a hospedaria, e d'onde são distribuidos os diferentes serviços, que os criados devem desempenhar. É allí, que, em uns bancos collocados ao longo da casa, estão assentados todos os criados, promptos a responder cada vez que toca a campainha, e a executar as ordens dos hospedes. Acha-se allí tambem o registo em que os viajantes inscrevem os seus nomes, e que é o unico passaporte exigido pela policia municipal, tão facil assim a enganar, quanto é habil em descobrir, quando é necessario, o criminoso occulto com um nome supposto entre as pessoas de bem, que cobre o tecto de S. Nicolau, ou de outra qualquer hospedaria.

É tambem na *mordomia*, que se descobre este quadro engenhoso onde estão inscriptos, em um circulo movel de bronze, todos os numeros dos quartos da hospedaria, correspondendo por meio de um fio de ferro a um botão pregado junto da chaminé de cada quarto, e que, quando é puxado pelo locatario ou hospede, communica um movimento por meio da electricidade, e chama a attenção do director de serviço para lhe mandar immediatamente um criado que deve cumprir as suas ordens. É tambem allí, que estão pendentes

das paredes, ou pregados n'ellas, cartazes de theatro, annuncios, moradas das pessoas principaes, esclarecimentos necessarios aos viajantes, que querem conhecer as horas da partida dos vapores, dos trens dos caminhos de ferro, diligencias, e outros meios de transporte.

Eis-nos aqui agora em um grande salão, exclusivamente destinado aos hospedes masculinos da hospedaria de S. Nicolau, e áquelles que os visitam. Ao lado d'esta casa está o botequim, de que as paredes, pintadas a fresco, estão em grande parte cobertas de ricos espelhos com molduras douradas. Em um dos lados se eleva o *bar*, que é uma mesa enorme de madeira esculpida, coberta de marmore branco, detraz da qual os moços servem aos consumidores vinhos de Sherry, de Bordeaux, do Porto, de Campanhe, agua-ardente, *cognac*, cerveja, licores de toda a qualidade, e especialmente estas famosas bebidas americanas, conhecidas pelo nome de *sherry-cobblers*, *mint juleps*, *brandy cock-tails*, e outras mui pouco conhecidas dos bebedores europeus.

Em um dos angulos da loja de bebidas, os directores da hospedaria estabeleceram um telegrapho electrico, correspondendo com todas as principaes cidades dos Estados-Unidos, por meio de linhas geraes, e um viajante, que habita n'esta hospedaria, póde, servindo-se d'este meio, mandar um recado, e receber a resposta, dentro de alguns minutos, da cidade de que está distante centos de leguas. Por exemplo, um negociante da Nova-Orleans póde, no espaço de 20 minutos, mandar ordem ao seu correspondente de lhe comprar muitos milhares de pacotes de algodão, e por um certo preço, e em 20 minutos receber a noticia que a transacção está concluida.

Todas as casas do plano terreo são calçadas de marmore, e durante o inverno, o frio dos salões é modificado por grande numero de tubos calorificos.

Uma escada magnifica conduz ao primeiro andar. Imensos corredores, que vão de um a outro extremo da casa, e de que o principal tem 475 pés de comprimento, vem parar a esta escada.

À direita encontram-se duas casas de jantar, em cada uma das quaes podem accommodar-se muito á vontade 300 pessoas. Tudo se executa alli debaixo da maior ordem. A mesa está sempre posta, mas em logar de grandes pratos e terrinas, de que só a vista basta para faltar, não se vê sobre a toalha mais do que flôres, frutas e vélas, o serviço é á russiana. Cada pessoa tem diante de si a lista do jantar, impressa em uma folha de pa-

pel velino, e não tem mais do que escolher para ser servido no mesmo instante, sem a mais pequena confusão, e mesmo até sem interromper a conversa com o seu visinho, porque não se faz a mais pequena bulha; o chão está coberto de grossos tapetes, para que os passos dos criados, que vão e vem continuamente, não incomodem os hospedes. Quanto á variedade das comidas apresentâmos a lista do dia 27 d'abril ultimo, que por acaso nos veio á mão.

Sopas — Tartaruga verde, tapioca, aletria.

Peixe — Salmão com mólho de alcaparras, estorjão com mólho á hollandesa.

Pratos de meio — Filetes de caça com mólho á Robert, filetes de linguado, pastellinhos com mólho, *vol-au-vent* de vitella, macaroni á italiana, pé de porco *truffé* costelletes de vitella com mólho de laranja azeda, bifés de urso feitos na grelha, gallinha á *lá marengo*, *roast-beef*, perna assada de carneiro, perús bravos, gallinholas de Philadelphia, faisão, pato bravo.

Legumes — Batatas cozidas, extracto das ditas, ervilhas dôces, couves de Bruxellas feitas á rainha, feijão branco *sauté*, alcachofas de mólho.

Saladas — Aipo e beterravas, alface com ovos.

Dôces — Compota á russiana, dita de pera, dôce d'ovos, compota de ananaz,

Sobre-mesas — Peras, maçãs, amendoas, avelãs, figos, passas, queijo de Chester, dito de Gruyere.

Sorvetes — De limão e de baunilha.

Não vos fallâmos aqui das azeitonas, conservas, etc., que a lista não menciona, e que se põem sempre na mesa.

O vestuario dos criados é uniforme, sem, comtudo, ser uma librê. Andam todos vestidos de preto, casaca, colete e calça, e trazem luva d'algodão, que mudam muitas vezes ao dia.

À esquerda da casa de jantar entra-se em duas salas grandes onde se toma o chá, e em seguida a estas em quatro salões onde se reúnem as senhoras; ha depois os quartos especialmente destinados para os noivos, e outras casas preparadas de modo a poderem receber uma familia inteira. É inutil descrever aqui a riqueza e a elegancia da mobilia geral e particular d'estes diversos quartos, todos forrados de seda de Lyão, de damasco de côres as mais brilhantes, onde os pés pizam os mais delicados tapetes, e o corpo descança em sofás, marquezas e cadeiras de veludo, de que o dourado brilha á multiplicidade das luzes de gaz. Não citaremos, como *specimen*, mais do que

o grande quarto destinado para os noivos; as paredes são forradas de setim branco encaixilhado em molduras d'ouro. O leito é todo entalhado de marfim, e tudo quanto o cobre, inclusive os proprios lençoes, dizem que são de setim. Os moveis são todos em proporção, e de um gosto o mais exquisito, e verdadeiramente deslumbrante. O preço de uma noite, passada n'este palacio encantado, é de 200 dollars (200:000 réis proximate). Póde dizer-se, que tudo isto é de uma sumptuosidade verdadeiramente real, a que nada chega na Europa, nem mesmo no palacio dos reis.

O segundo e terceiro andar da hospedaria de S. Nicolau são ainda destinados para receber familias; quer dizer, que em volta de uma sala, e de uma casa de jantar, se agrupam quartos sufficientes para alojarem o marido, a mulher e os filhos.

No quarto e quinto andar está o dormitório geral dos homens, que consiste em uma serie de quartos compostos de uma alcova e de uma sala pequena, quarto de vestir, guarda-roupa, etc.

Devemos notar que a architectura interior da hospedaria é disposta de maneira, que os corredores, os quartos e as camaras são perfeitamente ventilados e têm a luz necessaria.

O numero total dos quartos de cama é de 800; mas ha meio de accomodar 1:000 pessoas.

Cada quarto completo encerra no seu recinto uma casa para banhos, e outra de *retrete*. Ha, além d'isto, uma casa geral para banhos em cada andar. Cada toucador fica collocado diante de duas torneiras, que, tanto de dia, como de noite, deitam, quando se quer, agua fria e quente; para levar esta agua até aos andares superiores, o architecto collocou em os andares subterraneos tres machinas de vapor, que funcionam conti-

nuamente. Os canos de chumbo assentes na hospedaria de S. Nicolau, pesavam só elles mais de 250:000 arrateis.

Toda a hospedaria é allumiada a gaz, que se fabrica alli proximo, em um logar destinado de proposito para isto. O numero total dos bicos de gaz é de 3:000. Durante o inverno a hospedaria é aquecida por meio de vapor distribuido por tubos de ferro.

Cheguemos agora á casa da barreira ou lavanderia, que é uma das maravilhas de S. Nicolau. Toda a roupa d'esta immensa hospedaria é lavada e engommada n'esta casa. Mas não são as mulheres que lavam a roupa, este cuidado confiou-se a uma machina de vapor, e dois homens que vigiam o engenho são sufficientes para fazer a barreira e lavar seis mil peças de roupa por dia.

Um viajante chega á hospedaria, durante a viagem sujou toda a roupa, e, no entanto, deseja fazer o seu *toilette* sem comprar mais alguma cousa. Immediatamente despeja o seu sacco de jornada na casa da lavanderia, e em quanto faz a barba, se lava, penteia, etc., isto é, em meia hora, todas as suas meias, camisas, e ceroulas, estão lavadas e engommadas, e trazem-lhe logo tudo junto, não tendo mais que escolher a que quer vestir. Tudo isto se faz com a maior simplicidade, sem perigo para a roupa, que é menos deteriorada por esta operação, do que pelas pancadas e esfregação das nossas lavadeiras ordinarias.

Se vamos da lavanderia para as cozinhas, havemos de entrar primeiro na que é destinada para os almoços, que fica quasi junto á casa de jantar, e por consequencia no primeiro pavimento.

A cozinha grande é no pavimento terreo. O vapor é que coze os diversos generos; mas os guizados, os assados e os mólhos são feitos em lume de carvão.

(Continúa).



NICOLAU PRIMEIRO,

IMPERADOR DA RUSSIA.

NICOLAU 1.º (Paulowitch), imperador da Russia, filho de Paulo 1.º e irmão de Alexandre, nasceu a 6 de julho (25 de junho) de 1796.

Este príncipe recebeu uma educação esmerada. Contado aos cuidados da condessa de Lieven, foi o celebre philosopho Adelung quem o instruiu no conhecimento das letras modernas. Storch lhe ensinou as sciencias politicas e economicas. Todos os ramos da sciencia militar foram por elle cultivados com ardor. A castrametação, principalmente, lhe mereceu a preferéncia. A musica igualmente lhe agradava muito, e diz-se que compoz algumas marchas militares. Depois das guerras da Russia com a França, nas quaes a mocidade lhe não permittiu tomar parte, visitou os campos de batalha illustradas pelos russos. Satisfazia assim a sua paixão pela vida militar, familiarisando-se, ainda que em tempo de paz, com os habitos e disciplina militar, que observava escrupulosamente.

Em 1817 casou com Carlota-Luiza-Frederica-Wilhelmina, filha mais velha de Frederico Guilherme 3.º, rei de Prussia.

O imperador Alexandre, antes de partir para esta mysteriosa viagem do sul, de que não devia voltar, deixou no conselho do imperio um prégo sellado com o seu sêllo particular, e que não devia ser aberto senão á noticia da sua morte. Este prégo continha, juntamente com a renúncia do grão-duque Constantino aos seus direitos hereditarios, um ukase datado de 1823, que deferia a coroa ao irmão mais novo de Constantino, que era o grão-duque Nicolau.

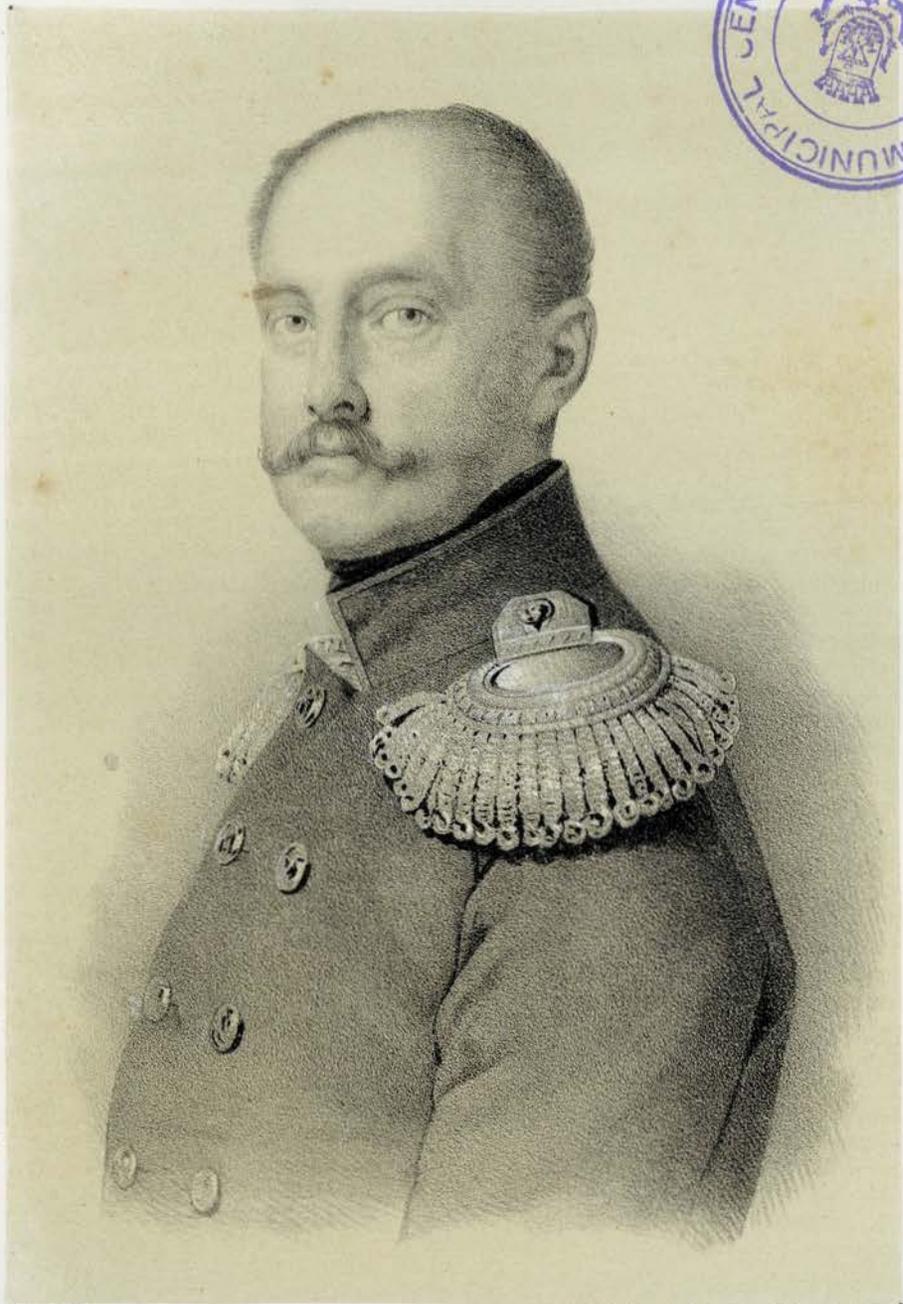
Uma parte da guarnição de S. Petersbourgo, instigada por occultos manejos, fingiu não acreditar na sinceridade da renúncia do filho segundo de Paulo 1.º Era a 25 de dezembro do 1826, que o novo Czar devia receber o juramento do exercito. Ao patriarcha russo foi commettida a espinhosa tarefa de se entender com os amotinados, e fazel-os entrar na

ordem; mas infelizmente nada conseguiu, respondendo-lhe por meio de gritos reiterados de — *Viva Constantino! Viva a Constituição!* — A crise era flagrante, e o perigo immenso. Como se remediará?

Um dos veteranos da imprensa franceza, mr. H. Lamarche, conta d'esta maneira, em a sua publicação intitulada — *Os russos e os turcos*, — a maneira como o Czar conseguiu, por um grande esforço de coragem, malograr a conspiração, e socegar os amotinados.

«Um official, diz elle, que signal algum apparente distingue dos outros officiaes superiores, chega galopando ao vasto terreno comprehendido entre o palacio do senado, o edificio do almirantado, a igreja de Isaac, o caes do Neva, e o palacio imperial d'inverno. Este homem é o imperador Nicolau. Está n'aquelle periodo da vida (quasi 30 annos) em que a mocidade lucta vantajosamente e predomina sobre a idade madura, que ainda então vae apenas começar. Tudo denuncia n'elle a vontade do commando. A maneira por que governa o seu cavallo faria acreditar na fabula dos centauros. Uma sombria coragem lhe encrespa a frente, os seus olhos luzem como um cadinho, onde toda a resistencia deve fundir-se.

«Apenas está certo da fidelidade de alguns cavalleiros da guarda, de um ou dois batalhões de granadeiros, e de uma bateria d'artilheria; no entanto avança com a maior audacia, e com essa voz sacudida, que lhe era já familiar, dirige ás tropas a saudação dos Czares, — bons dias, meus filhos! — A esta saudação imperial uma multidão confusa responde pelas palavras — *Viva Constantino! Viva a Constituição!* — Tinha soado a hora do triumpho ou da morte! Nicolau volta-se para as tropas, que julga, ou finge julgar, que lhe são fieis, e dispostas a obedecer-lhe, e diz-lhes: «Estes insensatos não ouvem nem o seu metropolitano, nem o seu imperador; agora é a artilheria que lhe deve fallar!»



Sculp. Fick.

Lith. de Ligne & Baer, B. N. des M. N. 18.

NICOLAO I:
Imperador da Rússia.

« A esta ordem, acompanhada de um gesto supremo, o canhão atira a metralha sobre os insurgentes e sobre a multidão, que tinha corrido para ver como se matava um imperador. A cavallaria, semelhante a um furacão, precipita-se sobre esta massa, que vacilla, e bem depressa foge, deixando atrás de si um longo rasto de sangue e de cadáveres... À noite a ordem estava restabelecida em S. Petersburgo, como o foi, cinco annos mais tarde, em Varsovia, e o Czar, com um suspiro arrancado pelo seu primeiro passo na autocracia, dizia entrando no palacio: « Que principio de reinado! »

« O imperador não mostrou menos coragem pessoal na insurreição das colonias militares de Norovogod, ou nos tumultos excitados na capital do imperio, quando o cholera começou a fazer os seus estragos. Em o primeiro caso caiu como um raio, seguido de um só ajudante de campo, no meio dos revoltosos, que as concussões de que eram victimas, tinham exasperado a ponto tal, que apoderando-se dos seus chefes, os tinham enforcado nas arvores, abrindo-lhes depois a barriga. À vista do Czar, os revoltosos curvaram a cabeça, e imploraram um perdão, que o imperador não lhes recusou, porque os factos eram constantes, e as razões de queixa tão justas, quanto atroz foi a vingança. Todos sabem, e hoje ninguem nega, que a falta de probidade administrativa deixe de ser uma das ulceras que roe o imperio da Russia. O proprio Czar, Pedro Grande, dizia, que um russo valia por tres judeus. O imperador Nicolau sente extraordinariamente este systema de exacção tão inveterado no seu imperio.

« De tempos a tempos faz um exemplo terrivel: um almirante é demittido e mandado servir como simples marinheiro a bordo da esquadra; um general passa a soldado, e não escapa á Siberia senão para ir fazer serviço d'espingarda ao hombro nas penosas guerras do Caucaso. Mas os abusos, por um instante suspensos, continuam com mais força, e o imperador, não obstante a sua omnipotencia, desespera de poder dar remedio a um mal tão profundo.

« Na segunda crise, isto é, pela invasão do cholera na capital da Russia, tinha-se acreditado em S. Petersburgo, como tambem em Paris, que a malevolencia envenenava as fontes. Assassínios diários tinham lugar nas pessoas dos medicos, dos estrangeiros, ou dos viandantes inoffensivos. A agitação augmentava: um dia a praça da Sennaia se encheu de uma multidão hedionda, armada de machados, vociferando e dando vozes de mor-

ras. O imperador corre ao lugar do tumulto, sem guarda, em um simples *droschki* (carrinho descoberto) puxado por um cavallo. « Desgraçados, diz elle a estes malfeteiros, que ides fazer? Quereis assassinar os innocentes! De joelhos, e pedi perdão a Deus de vossos peccados, porque são elles que têm chamado sobre as vossas cabeças este flagello da colera divina. »

« Toda a multidão ficou humilhada e arrependida a estas palavras, diante do Czar, e os assassínios cessaram.

« Se o imperador não é um Deus para os seus povos, é ao menos mais do que um homem. Depois que Pedro Grande disse ao clero russo: « O patriarcha sou eu! » O imperador reúne em si todos os poderes, e o catholicismo official, que regula os deveres dos *orthodoxos* para com o soberano, contém expressamente o que se segue:

« *Terceira pergunta.* — Segundo a religião, o que devem os vassallos ao autocrata de todas as Russias?

« *Resposta.* — A adoração, a submissão, a obediencia, a fidelidade, o pagamento dos impostos, o serviço, amor sobre todas as cousas, acções de graças e preces para com Deus, em fim, tudo o que pôde resumir-se n'estas duas palavras: *adoração* e *fidelidade.* »

« Em politica o imperador não tem feito mais do que seguir o systema de todos os seus antecessores, — engrandecer a Russia, e assegurar-lhe o predomínio sobre a Europa. — Até ao presente tudo o tem ajudado, e tudo lhe tem saído á medida dos seus desejos. Em Navarino contribuiu, por meio das suas esquadras, para o aniquilamento da marinha turca. A guerra, que sobreveio entre elle e Mahmud, em virtude da fixação do territorio grego, o levou a Adrianopolis, augmentou em seu proveito a desmembração do imperio ottomano, fêl-o senhor de uma porção importante de costa, e lhe deu, entre outros, o porto d'Anapa, chave da Circassia. Pelas convenções de Ulkiar-Skelessi e de Balta-Liman, confirmou e estendeu os direitos de intervenção e de protectorado, adquirido pelos seus antecessores sobre o imperio ottomano. Recuou as suas fronteiras do lado da Persia e do Afghanistan. De acôrdo com a Inglaterra, foi arbitro na questão que sobreveio entre o vice-rei do Egypto e o Sultão. Subjugou a Polonia, e tornou a entregar a Hungria ao jugo da Austria. Tudo tem cedido diante d'elle até á presente guerra, de que só a Deus pertence prevêr o fim, e calcular-lhe a extensão.

« À vista d'isto devemos-nos admirar, que o imperador Nicolau se tenha julgado como os

Kalifas ottomanos, « a sombra de Deus sobre a terra? » Na sua politica interior tem sido menos feliz: a sua honrosa tentativa para a emancipação dos servos, e para converter em um simples contracto de aluguel obrigatorio para as duas partes, a degradante escravidão dos servos adscriptos à gleba, malogrrou-se completamente. Os *boyards* (nobres) a repelliram como attentatoria dos seus direitos; os proprios servos a não quizeram, por falta de estarem sufficientemente preparados para esta liberdade relativa, que demanda sempre a responsabilidade da sua propria sorte, e da qual elles, não sabendo usar, não lhe conheceram o valor. Os trabalhos publicos, as escholae, e o exercito têm recebido n'este reinado um impulso consideravel, e um desenvolvimento importante.

« Um escriptor, que parece conhecer bem a Russia, mr. Leouzen-Leduc, apresenta o seguinte retrato do imperador Nicolau.

« O imperador é, sem contradicção, o mais bello homem do seu imperio, e da Europa talvez. Reune-se n'elle, como diz um escriptor, alguma cousa do Apollo e do Jupiter, é de altura elevada, pois que excede a seis pés, tem a fronte espaçosa e falta de cabello, a configuração do rosto inculca robustez, e tem certa harmonia, o nariz perfeito, os musculos da face de uma grande mobilidade, que manifestam sómente à medida da sua vontade, a boca expansiva, e o beijo superior apresentando um grande bigode retorcido, as sobrancelhas arqueadas e espessas, symbolo de força, o olhar allivo e expressivo além do que se pôde dizer.

« O imperador Nicolau nunca deixa o uniforme militar. Este vestuario não é n'elle um symbolo vão. A sua vida é trabalhosa como a dos acampamentos. Desde a madrugada, e ás vezes antes de romper o dia, quando todo o imperio ainda dorme, o imperador está já a pé, tendo as costas cobertas com um velho capote militar, que lhe serve de chambre, preparando as ordens que deve dar durante o dia aos seus ministros. Come pouco e com simplicidade, e quasi que não bebe vinho; dorme, como todos os russos, em colção de crina. Trabalha excessivamente, examina por si mesmo todos os negocios do imperio, e toma a iniciativa em quasi todas as medidas. Se é enganado, faz ao menos tudo quanto pôde para o não ser.

« Todos os escriptores, que têm conhecido a Russia, são concordes em fazer os maiores elogios às virtudes privadas do imperador Ni-

coláu, e das suas maneiras polidas para com os estrangeiros. Como soberano é severo, poder-se-hia mesmo dizer grosseiro; mostra-se, contudo, indulgente para com as faltas provenientes dos desvarios da mocidade; mas é implacavel para tudo quanto diz respeito à politica, o que tem constantemente provado.

A maior parte das correspondencias e noticias russas, actualmente tão multiplicadas pelos presentes acontecimentos, representam o imperador como em estado constante de exaltação religiosa. Diz-se que está convencido, que tem uma missão providencial a cumprir: não está isento de acreditar nas ordens do destino, personificado em o seu nome e poder, e representado pelos seus actos: « O reinado do imperador Alexandre, que subiu ao throno em 1801, e morreu em 1825, tinha durado 24 annos.

« O imperador Nicolau, hoje de idade de 58 annos, completou pelas festas do ultimo natal, 28 annos do seu, e promete continuar.

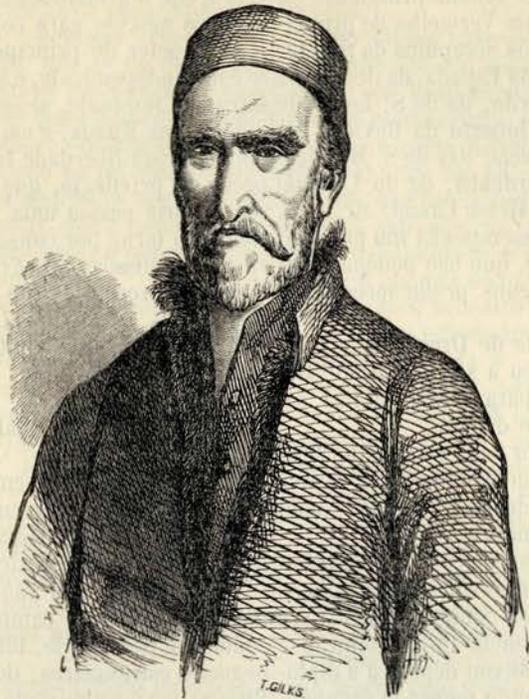
« Ao lado do imperador Nicolau vê-se, modesta e amavel, sua esposa a princeza Carlota, que recebeu com o baptismo grego o nome de Anna Fædorowna, mais bella ainda pela resignação e pela doçura, do que pelas feições. D'esta senhora têm nascido quatro filhos e tres filhas, que são o orgulho do seu nome. O Czarewitch Alexandre, na idade hoje de 35 annos, tem na physionomia alguma cousa de tímido, e ao mesmo tempo de allivo, o que explica o receio que experimenta quando se lembra, que ha de um dia cingir a coroa imperial, junto à bravura que desenvolveu nos campos de batalha do Caucaso.

« O grande almirante da Russia, Constantino, mais moço que seu irmão 9 annos, mostra grande zêlo pelo estudo e gôsto para a marinha.

« Os grão-duques Nicolau e Miguel, nascido um em 1831, e outro em 1832, promettem não ser inferiores a seus irmãos mais velhos.

« Das grã-duquezas, uma morreu, ha tempo, de parto; a segunda, Maria, é viuva do principe Eugenio de Beauharnais, duque de Leuchtemberg; a ultima, Olga, é casada com o principe de Wurtemberg.

« Na vida publica, senhor do mais vasto imperio talvez do mundo; na vida privada pae de uma bella familia quasi toda de reis, parece que o Czar devia estar satisfeito; mas elle é homem, e o seu coração participa da lei commum da humanidade, — ambicionou; mas a ambição pôde vir a perdê-lo.



SAMI-PACHÁ—GOVERNADOR DE WIDIN.

A GUERRA DO ORIENTE, OU OS RUSSOS E OS TURCOS

(Continuado de pag. 195 do 6.º n.º).

CAPITULO II.

Embaixada do príncipe Menschikoff. — Primeiras notas diplomaticas. — Organização civil da Turquia. — Caracteres políticos.



ALEXANDRE Menschikoff, neto do celebre Danilowitch Menschikoff, que, sendo de origem plebea (*), se elevou durante o reinado de Pedro o Grande ás pri-

(*) Diz-se até que este celebre personagem vendêra pasteis nas ruas de S. Petersbourg.

meiras dignidades do imperio, goza, actualmente na Russia, das seguintes dignidades: — é príncipe, almirante, ministro da marinha, ajudante-de-campo-general, membro do conselho do imperio, coronel honorario do regimento de Ingria, governador da Finlândia, cavalleiro das ordens imperiaes de Santo André, de Santo Alexandre de Newski, de S. Wladimir de primeira classe, de Santa Anna de primeira classe, de S. Jorge de terceira

classe, de Santo Estanislau de primeira classe, commendador das ordens prussianas da Aguia Preta e da Aguia Vermelha de primeira classe, da ordem dos Seraphins da Suecia, gran-cruz das ordens da Espada, da de S. Luiz de França, da do Merito, da de S. Leopoldo d'Austria, da de S. Huberto da Baviera, da de S. Salvador da Grecia, das de S. Mauricio e de S. Lazaro da Sardenha, da do Leão de Ouro de Bade, da de Hesse Cassel, etc., etc.

Este personagem desempenha um papel tal na questão do Oriente, que não podêmos deixar de entrar em alguns promeneores a seu respeito.

Foi na universidade de Dresde, que o joven Alexandre recebeu a sua educação litteraria, e se habilitou para a vida publica, seguindo a faculdade de direito.

Quando terminou os seus estudos foi logo nomeado gentil-homem da camara, e depois addido á embaixada de Berlim, onde começou a sua vida diplomatica.

Na Russia ha apenas uma carreira para chegar ao caminho das honras e das dignidades — é a militar. Menschikoff conhecia-o bem: era moço, e por consequencia tinha ambição e esperanças, por isso deixou depressa a diplomacia pelas armas, sendo nomeado segundo-tenente d'artilheria da guarda em 1809.

Era esta exactamente na Russia a epocha mais propria para se fazer fortuna pela vida militar, como o são sempre aquellas em que se desenvolvem as grandes guerras. Menschikoff tendo feito especialmente as grandes campanhas de 1813, 1814 e 1815, achava-se já, quando se celebrou a paz geral, exercendo as funcções de chefe da secretaria do estado-maior imperial, n'essa qualidade seguiu o seu soberano a todos os congressos, posto que hoje se diga, que o imperador Alexandre não nutria por elle a maior afeição, e se attribua em parte a esta circumstancia o favor que o principe tem gozado, e ainda goza no presente reinado.

Os seus serviços militares têm continuado, comtudo, desde então, distinguindo-se muito especialmente na campanha de 1828 e 1829, em que tomou Anapa, e assistiu ao cerco de Warná, onde recebeu uma ferida, de que o seu andar se resente ainda alguma cousa.

Menschikoff tem hoje mais de 70 annos de idade, mas a sua physionomia inculca muito menos; mr. Lamarche, que não é suspeito, fallando a favor dos russos diz, quando tracta do principe Menschikoff: «Na sua frente ossuda e espaçosa, nos seus cabellos grisalhos, nas feições proeminentes, na vivaci-

dade do seu olhar, ha alguma cousa que revela n'elle o grande senhor, o homem que se conhece nascido para commandar.

O caracter do principe Menschikoff pinta-se como independente, e alguns o querem classificar de insolente, se se comparar com o que é de uso na Russia, e em geral nos paizes despoticos. Esta liberdade tem-lhe dado uma especie de privilegio, que o leva a formar da sua propria pessoa uma idéa bastante vantajosa, e o torna por consequencia proprio para certas missões de *effeito*.

As suas respostas são promptas, os gestos impetuosos, os movimentos sacudidos. O physico é que não está muito em relação com o papel que o têm feito, e continuam a fazer representar.

Menschikoff é de estatura mediana, e um pouco nutrido.

Além da escolha do embaixador não esqueceram todos os mais recursos, como já dissemos, para dar á embaixada o caracter de *sollemnidade aterradora*, de que convinha revesti-la; addidos a ella vão: o principe de Galitzen, ajudante de campo do imperador; os condes de Nesselrode, filho do chanceller dos negocios estrangeiros; de Dimitri, grande da Russia; o vice-almirante Korniloff, commandante da esquadra do Mar Negro; o general Nikapotchinski, chefe d'estado-maior do exercito, e outros officiaes de distincção.

A imprensa europea não tem também deixado de notar, que, para tornar a missão mais assustadora, o principe fôra transportado de Odessa na fragata a vapor, denominada — a *Fulminante* — e se fizera preceder em Constantinopla pela noticia de uma grande revista, que tinha passado em Sebastepol á esquadra russa, e ao exercito que se achava reunido n'aquelle ponto.

Todos os membros da legação russiana em Constantinopla o foram esperar o Top-Horné, e sete a oito mil gregos, ahi mandados de proposito, o vão acompanhando, e dando-lhe vivas, até ao palacio da sua residencia. Suppõe-se que o imperador em pessoa não produziria mais effeito.

No 1.º de março, Kiamil-bey, introductor dos embaixadores, se dirigiu ao palacio da Russia para comprimentar o principe, da parte da Porta. No dia immediato, Menschikoff foi procurar Mehemet-Ali. Esta visita do embaixador ao grão-vizir, revela logo as pretensões que o animam, porque, affrontando todos os usos diplomaticos, e até os mais triviaes preceitos da simples civilidade, mostra que o principe se considera o *chefe que vem intimar*, e não o diplomata que pretende nego-

ciar. É a exigencia já com a ameaça sub-intendida, é o pregão da força para fazer cair todas as resistencias, é começar pelo desprezo, para inculcar logo, que se ha de acabar pelo castigo; eis como se póde explicar essa primeira entrevista em que o príncipe foi procurar o primeiro ministro ottomano de sobrecasaca e chapéu redondo na cabeça, e se recusou a ir visitar o ministro dos negocios estrangeiros (Fuad-effendi), que o esperava, segundo todos os antigos usos, e nunca infringidas etiquetas da diplomacia.

Para dar a esta recusa todo o caracter, que se pretendia, o embaixador não pretextou um motivo qualquer, embora frivolo, ou especioso; declarou, pelo contrario, mui positivamente, que « não queria vêr Fuad-effendi, de quem o seu governo, e com muita especialidade, mr. d'Ozeroff, tinham grandes razões de queixa. »

Este comportamento teve todo o resultado, que o príncipe podia esperar; Fuad-effendi, tomando uma determinação, de que até então tinha havido poucos exemplos em Constantinopla, pediu n'esse mesmo dia a sua dimissão.

Os jornaes turcos semi-officiaes mencionaram o facto sem declarar as causas, e fallaram sómente de *honrosas susceptibilidades*.

Os collegas de Fuad-effendi fizeram toda a diligencia para que elle mudasse de resolução, mas como nada poderam conseguir, o Sultão no dia 6 de março, isto é, quatro dias depois, acceitou a dimissão do seu ministro, e nomeou para o substituir a Rifáat-pachá, di-

rigindo ao grão-vizir a seguinte *khat* (ordem imperial):

« Meu digno vizir:—Em virtude da supplica, que me foi dirigida com toda a instancia, por Fuad-effendi, meu ministro dos negocios estrangeiros, julguei necessario substituil-o; e como Rifáat-pachá tem, sem duvida nenhuma, um perfeito conhecimento dos objectos, que dizem respeito ao ministerio dos negocios estrangeiros, possuindo ao mesmo tempo a habilidade e o merito necessarios, mandei-o chamar ao meu palacio imperial, e nomeei-o meu ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros, enviando-o a minha Sublime Porta. »

Dois dias depois, isto é, a 8 de março, o príncipe Menschikoff entrega ao Sultão, em audiencia particular, as credenciaes, que o acreditam na qualidade de embaixador extraordinario junto da Sublime Porta. Além d'estas, o príncipe estava munido de uma carta authographa do imperador para o Sultão, em que o auctorizava a considerer como um insulto feito á pessoa do imperador, qualquer recusa ás suas proposições.

Parecia, contudo, que nunca seria necessario lançar mão d'este recurso. Os negocios levavam o melhor caminho, e o embaixador triumphava, pois que a dimissão de Fuad-effendi era um grande passo dado para os seus fins, e uma vantagem já obtida de toda a importancia, como se vê pelas circunstancias especiaes que se davam no ministro dimittido, e n'aquelle que o substituiria.

LITTERATURA.

IGNEZ DE LAS SIERRAS

(Continuado de pag. 191 do 6.º n.º)

VI.

IMAGINAES, facilmente, que deixo de a seguir em todos os promenores da sua vida, que tambem nunca contou. Só a tornaremos a encontrar n'essa memoravel

estrêa no theatro de Madrid, que a collocou immediatamente, em o numero das cantoras mais celebres. O entusiasmo foi tão vivo e vehemente, que os applausos do theatro retumbaram em toda a cidade, e que a multidão, que a tinha acompanhado até casa, dando-lhe vivas e lançando-lhe coroas, não quiz

dispersar-se antes de a tornar a vêr, uma vez ao menos, chegar à janella.

Mas não era este o unico sentimento, que ella tinha excitado. A sua belleza, que não era menos notavel do que os seus talentos, tinha produzido uma profunda impressão em um illustre personagem, que n'esse tempo dispunha da sorte da Hespanha, e que me permittireis não designar d'outra maneira, não só porque este facto da sua vida privada não está averigudo a ponto de tranquillizar os meus escrupulos de historiador, mas tambem porque me repugna ajuntar mais uma fraqueza, embora desculpavel, às queixas mais ou menos bem fundadas, que a opinião publica apresenta sempre contra os reis desthronados. O que é certo, é que ella não tornou mais a apparecer no palco, e que todos os mimos da fortuna se accumularam, em poucos dias, n'esta obscura aventureira, de que as provincias visinhas tinham visto, durante um anno, a vergonha e a miseria. Nunca mais se fallou senão da variedade dos seus vestidos, da riqueza das suas joias, do luxo das suas carruagens, e, contra o que é commum, perdoava-se-lhe esta opulencia repentina, porque, entre os homens que a julgavam, haviam poucos que não se reputassem bem felizes se lhe podessem dar cem vezes mais. Devemos accrescentar, em honra de Pedrina, que os thesouros, que devia ao amor, não os gastava em ridiculos caprichos. Compassiva e generosa por natureza, procurava os desgraçados para os beneficiar; ia levar soccorros e palavras de consolação à habitação do pobre e à cabeceira do doente; mitigava os infortunios com uma graça, que augmentava o valor dos seus beneficios; e posto que *favorita*, conseguiu ser amada do povo. É uma cousa tão facil para quem é rico!

O nome de Pedrina soava já muito alto para deixar de ser ouvido por Gaetano, no logar occulto onde passava uma vida obscura e vergonhosa. O producto do roubo e da traição, que o tinha sustentado até esse momento, começava a escassear. Sentiu então não ter conhecido os recursos, que podia ter tirado do aviltamento da sua amante. Atreveu-se a conceber o projecto de reparar a sua falta, fosse por que meio fosse, e até mesmo á custa de um novo crime. Era o que lhe custava menos. Contava bem com a propria habilidade, muitas vezes experimentada, e por isso nada receiava. Conhecia o coração de Ignez, e o infeliz não duvidou apresentar-se-lhe.

À primeira vista a justificação de Gaetano parecia um impossivel; mas não ha impossiveis para um espirito artificioso, principal-

mente quando é ajudado pela cega credulidade do amor, e Gaetano não era só o primeiro homem que tinha feito palpar o coração de Ignez, era o unico homem que ella tinha amado. Todos os transportes a que os seus sentidos se haviam depois entregado, deixavam-lhe sempre n'alma o vacuo e a indifferença, e, por uma excepção, rara sem duvida, mas que já tem tido exemplos, perdêra a honra, mas não a virtude. A historia inventada por Gaetano, posto que fosse absurda, foi, contudo, sem grande difficuldade, acreditada por Ignez, porque ella tinha necessidade de lhe dar credito, para encontrar ao menos alguma parte da antiga felicidade, que havia perdido, e esta disposição d'espirito contenta-se com as melhores verosimilhanças. É muito natural que ella não quizesse arriscar-se a apresentar a grande quantidade de objecções, que acudiam em chusma ao seu espirito, pelo receio de encontrar uma, que ficasse sem resposta. É tão agradável ser enganado por a pessoa que se ama, quando se não póde deixar de amar!

Fôra isto, o perfido não tinha desprezado nenhuma das vantagens que o podiam ajudar. Disse que acabava de chegar da Sicilia, onde tinha ido dispôr a sua familia a consentir no seu casamento, o que tinha conseguido. Sua mãe tinha-se dignado acompanhal-o á Hespanha, para apressar o momento de vêr uma querida filha, de que formava já a idéa mais lisonjeira. Que terrivel noticia o esperava em Barcelona! A fama da fortuna de Pedrina tinha chegado aos seus ouvidos juntamente com a da sua ignominia, e do seu crime. Era a paga que ella reservava a tanto amor, e a tantos sacrificios? A primeira idéa, o primeiro sentimento que experimentou, foi a necessidade de deixar a vida; — queria morrer; mas o seu amor tinha vencido o seu desespero: occultára a sua mãe tão triste segredo, e corrêra a Madrid para fallar a Ignez, para fazer soar a seus ouvidos, se ainda fosse tempo, as palavras — honra e virtude; — tinha vindo para perdoar . . . e perdoava! Que vos direi eu? Ignez afogada em lagrimas, Ignez fôra de si, palpitante, cheia de remorsos, de reconhecimento e de alegria, caiu aos pés do impostor, e a hypocrisia triumphou, quasi sem esforço, de um coração muito sensível e muito cheio de confiança para o poder adivinhar. Esta repentina mudança de papeis, que dava ao culpado todos os direitos da innocencia, causará, talvez, admiração. Mas, perguntae-o ás mulheres, nada há mais commum!

As suspeitas de Ignez deveriam despertar-se, quando viu Gaetano mais solícito em car-

regar na carruagem, preparada para a partida, os thesouros de que ella não podia, sem vergonha, recordar a origem, do que em a subtrahir aos seus criminosos amores. Foi de balde que insistiu em abandonar tudo: não foi attendida.

Quatro dias depois, uma carruagem de posta parava em Barcelona diante da hospedaria d'Italia. D'esta carruagem saiu um cavalheiro elegantemente vestido e uma senhora, que parecia querer subtrahir-se, com o maior cuidado, às vistas dos passageiros e viajantes. Era Gaetano e Pedrina. Um quarto d'hora depois o mancebo saiu e dirigiu-se ao porto. A ausencia da mãe de Gaetano confirmava os receios, que Ignez tinha começado a experimentar. Diz-se até que venceu a sua timidez natural, a ponto de lhe expôr as suas duvidas e as suas suspeitas, quando elle voltou para casa. E certo que de tarde houve entre os dois amantes uma larga contestação, que se repetiu depois muitas vezes durante a noite.

Ao romper do dia, Gaetano, pallido, abatido e inquieto, mandou transportar pelos criados muitos bairros para bordo de um navio, que devia fazer-se de vela pela manhã, e elle mesmo se dirigiu para lá com uma caixa mais pequena, que levava embrulhada no capote. Quando chegou ao navio, despediu os criados, que o tinham acompanhado, sob pretexto de alguns arranjos, que o demoravam ainda a bordo; pagou-lhes o seu trabalho com toda a generosidade, e recommendou-lhe, da maneira a mais positiva, que não perturbassem o somno da senhora até que elle voltasse. Entretanto passou uma grande parte da manhã, sem que o estrangeiro apparecesse. Soube-se que o navio tinha partido, e um dos individuos, que tinha acompanhado Gaetano, tocado por uma especie de presentimento, quiz assegurar-se da verdade. Viu effectivamente desaparecer as velas no horizonte.

O silencio, que continuava a reinar na camera de Ignez, e que contrastava com a bulha que havia na casa, era assustador. Notou-se que a porta não estava fechada por dentro, mas por fóra, não tendo a chave ficado na fechadura. O dono da casa não duvidou abrir-a com uma outra, e então um espectáculo horrivel se offereceu aos seus olhos. A senhora desconhecida estava deitada no leito na attitudo de uma pessoa que dormia, e chegaria a enganar, se não estivesse banhada em sangue. Tinha o peito atravessado com um punhal e a arma do homicidio estava ainda na ferida.

Desculpar-me-heis facilmente não ter in-

sistido n'estes terriveis promenores. Foram sabidos n'esta occasião por toda a cidade; mas o que é ainda ignorado, até d'aquellas pessoas a quem a sorte d'esta infeliz mais commoveu, porque ha poucos dias que está em estado de coordenar as confusas recordações da sua vida, é que a desgraçada victima d'este crime, é a sublime Pedrina, de que Madrid nunca se esquecerá; e que a Pedrina é Ignez de las Sierras.

Volto á minha narração, continuou Pablo. As testemunhas que acudiram e presenciaram esta scena de horror, e os medicos que vieram immediatamente, todos reconheceram que a estrangeira não tinha ainda morrido.

Socorros, já tarde, é verdade, mas apresentados com a maior solicitude, chegaram a despertar n'ella o sentimento da vida. Passaram-se alguns dias n'uma alternativa de receio e de esperanza, que excitava extraordinariamente a sympathia publica.

Um mez depois, Ignez parecia completamente restabelecida; mas o delirio, que se havia manifestado no momento em que tinha obtido o uso da falla, e que n'essa occasião se attribuiu a uma febre ardente, não cedeu nem aos remedios, nem ao tempo. A infeliz resuscitara para a vida physica, mas continuava morta para a vida intellectual; estava douda. Uma comunidade de mulheres religiosas a recebeu, e continuou a prestar-lhe os minuciosos cuidados de que o seu estado carecia. Objecto de todos os desvelos de uma charidade quasi providencial, diz-se que os justificava por uma doçura a toda a prova, porque a sua alienação nada tinha do impeto e da violencia, que caracterizam ordinariamente esta terrivel doença. Apresentava, além d'isso, frequentes vezes, intervallos lucidos, que se prolongavam mais ou menos, e que davam logar, de vez em quando, a esperar-se o seu completo restabelecimento: estes intervallos tornaram-se bastantes frequentes para se poder afrouxar muito a attenção, que ao principio se prestava às suas menores acções; pouco a pouco se acostumaram a deixal-a só, durante as longas horas dos officios divinos; foi esta negligencia, que a pobre louca aproveitou para se evadir; foi grande a inquietação, e as pesquisas minuciosas; o seu resultado pareceu ao principio bastante feliz para se poder esperar, que se havia de encontrar a fugitiva.

Ignez tinha sido vista, nos primeiros dias da sua jornada, vagabunda, e tornara-se saliente pela incomparavel belleza das suas feições, pelo ar nobre da sua physionomia, e tambem pela desordem das suas idéas e da sua linguagem; mas ainda fóra mais notada pe-

la natureza singular do seu vestuário, composto a capricho de restos elegantes, sim, mas já debotados, do seu fato do theatro, ou-ropéis brilhantes, mas de pouco valor, de que o siliciano não se tinha dignado apropriar-se, e de que a reunião extravagante, arremedando o luxo, fazia um contraste singular com o sacco de grossa linhagem, que Ignez trazia aos hombros para receber o producto da charidade publica. D'esta maneira puderam seguir os seus vestigios até proximo de Mattaró, mas n'este logar da estrada perderam-se completamente, e para todos os lados para que se dirigiram as pesquisas, foram sempre inuteis. Foi dois dias antes do dia de Natal, que Ignez desapareceu a todas as vistas, e quando se recordavam da profunda melancolia em que seu espirito parecia abysmado, nos momentos em que conseguia sair do desvario em que jazia, todos acreditaram que ella propria tinha posto termo á sua existencia, deitando-se ao mar.

Esta explicação era tão natural, que ninguém procurava outra: a desconhecida tinha morrido, e a impressão d'esta novidade durou dois dias; ao terceiro, desvaneceu-se como todas as outras noticias, e depois mais ninguém fallou n'ella.

Por esta occasião teve logar um acontecimento muito extraordinario, e que contribuiu a distrahir a attenção publica da desappareição de Ignez, e do d'esteicho tragico das suas aventuras.

Existe nos arredores da cidade, onde se tinham perdido os seus ultimos vestigios, uma antiga fortaleza em ruinas, conhecida pelo nome de Castello de Ghismondo, e do qual, diz-se, que o demonio se apoderara ha muito tempo; a tradição refere, que todos os annos ha uma ceia diabolica em a noite de Natal. A geração presente não possuia factos alguns que dessem alguma auctoridade a esta ridicula superstição, e ninguém, por consequencia, fallava já n'isso; mas circumstancias, que nunca se explicaram, vieram dar, em 1812, certa auctoridade a esta crença. Não pode entrar em duvida, que ao menos d'esta vez o castello amaldiçoado teve habitantes excepcionaes, que se entregavam sem mysterio ao prazer da mēsa. Uma esplendida illuminação appareceu á meia noite nos quartos ha tanto tempo desertos, e levou o susto e a inquietação a todas as povoações visinhas. Alguns viajantes, que se haviam demorado mais, e que o acaso levou junto aos muros do castello, ouviram o som de vozes estranhas e confusas, a que se ajuntavam ás vezes cantos de uma perfeita harmonia. Os phenomenos de

uma noite tempestuosa, e tal como a Catalunha não se lembrava de ter visto igual em uma estação tão adiantada, augmentavam ainda a solemnidade d'esta scena, de que o susto e a credulidade não deixaram de exaggerar as circumstancias.

Não se fallou em o outro dia e nos seguintes em muitas leguas nos arredores, senão na volta dos espiritos para o castello de Ghismondo, e o depoimento de tantas testemunhas, que concordavam nas principaes circumstancias do caso, acabou por inspirar á policia receios bem fundados. Com effeito, as tropas francezas acabavam de serem chamadas das suas guarnições para irem reforçar os restos do exercito d'Allemanha, e a occasião podia parecer favoravel para se renovarem as tentativas do velho partido hespanhol, que já começava a dar evidentes signaes de vida em as nossas provincias ainda mal conquistadas.

A policia, pouco disposta a acreditar as crenças da populaça, não viu n'este supposto conciliabulo de demonios fieis á sua reunião annual, mais do que uma reunião de conspiradores promptos a arvorar o pendão da guerra civil. Deu ordem para que se passasse uma revista rigorosa ao castello abandonado, e esta investigação confirmou, com provas evidentes, a verdade das noticias que a tinham tornado necessaria. Acharam-se todos os vestigios da illuminação e do banquete, e pode conjecturar-se pelo numero das garrafas vazias, que se achavam ainda sobre a mēsa, que os convidados não tinham sido poucos.

Quando a narração de Pablo chegou a este ponto, que me recordava as immoderadas libações de Boutraix, não pude conter uma gargalhada convulsa, que o interrompeu por muito tempo, e que contrastava de uma maneira muito sensível com as disposições em que me tinha achado no principio da historia, para deixar de lhe causar uma profunda surpresa. Olhou-me, pois, attentamente, esperando que eu podesse reprimir a expansão da minha indiscreta alegria, e vendo-me mais socegado, continuou:

—Que houvera uma assemblea composta de um certo numero de homens, provavelmente armados, e com certeza montados, porque se acharam restos de forragens, era um facto incontroverso; mas nenhum dos conspiradores se achou no castello, e foi de balde que se procuraram por todos os seus recantos. Nunca o menor esclarecimento a respeito d'este facto singular chegou ao conhecimento da auctoridade, mesmo depois da epocha em que deixou de ser um crime, e em que haveria tanta conveniencia em o decla-

rar, quanto antes haveria em o encobrir. A tropa encarregada d'esta expedição dispunha-se já a partir, quando um soldado descobriu, em um dos subterraneos, uma rapariga vestida de uma maneira celebre, que parecia privada do uso da razão, e que, longe de fugir, pelo contrario correu para elle, pronunciando um nome, que não lhe ficou de memoria: És tu? lhe gritou a louca. Quanto tempo te fizeste esperar!...» Trazida para a claridade, e reconhecendo o seu erro, começou a chorar.

Esta rapariga já sabeis que era Pedrina. Os seus signaes, dirigidos alguns dias antes a todas as auctoridades do litoral, estavam ainda bem presentes. Mandaram-a logo para Barcelona, depois de a terem feito passar por um interrogatorio particular, quanto aos acontecimentos do dia de Natal, para o que haviam aproveitado um dos seus momentos lucidos; mas este acontecimento só linha deixado no seu espirito vestigios mui pouco pronunciados, e seus depoimentos, de que a sinceridade se não podia suspeitar, ainda vieram augmentar mais o embaraço, já bastante grande, da informação. O que pareceu fóra de duvida, foi que uma preocupação extraordinaria, filha da sua imaginação enferma, a tinha levado a procurar no castello dos senhores de las Sieras, um asylo que devia garantir-lhe os direitos do seu nascimento; que tinha alli penetrado sem difficuldade, entrando pelo estreito intervallo, que as portas arruinadas deixavam entre si; que ao principio se sustentára dos mantimentos que trouxera, e nos dias seguintes, d'aquelles que os estrangeiros lhe haviam deixado. Quanto a estes, parecia não os conhecer, e a descripção que apresentava do seu vestuario, que não parecia usado por alguma geração hoje existente, de tal maneira discordava da verosimilhança, que foi attribuido sem hesitação às reminiscencias de um sonho, que o seu espirito confundia com as da realidade. O que parecia evidente era, que um dos aventureiros ou conjurados, tinha causado uma viva impressão na sua alma, e que a unica esperança de o tornar a vêr, lhe inspirava ainda a coragem de viver. Mas parecia-lhe que este homem era perseguido, que era ameaçado na sua liberdade, na sua existencia, talvez; e os esforços mais assiduos, os mais obstinados não poderam arrancar-lhe o segredo do seu nome.

Esta ultima parte da narração de Pablo vinha avivar-me por uma nova fórma as recordações de um amigo, de quem eu tinha recolhido os ultimos suspiros. Opprimiu-se-me o peito, os olhos encheram-se-me de la-

grimas, e tive de os cobrir rapidamente com as mãos, para occultar a minha commoção ás pessoas que me rodeavam. Pablo parou, como da primeira vez, e fixou em mim as suas vistas com uma attenção mais pronunciada. Adivinhei facilmente o sentimento que o dominava, e procurei tranquillizal-o por um sorriso.

— Não devem inquietar o teu coração de amigo, lhe disse eu, estas alternativas de enternecimento e de alegria, que me tem causado a tua singular historia: são bem naturaes nas minhas circumstancias, no que tu mesmo concordarás quando poder explicar-me. Entretanto, continúa, e perdoa-me de te haver interrompido, porque as aventuras de Pedrina ainda não acabaram.

— Pouco falta, replicou Pablo. Levaram-a ao convento, e vigiaram-a com muito mais cuidado. Um medico velho, muito habil no tratamento das doenças mentaes, e que um feliz acaso trouxe ha alguns annos a Barcelona, apprehendeu cural-a. Conheceu immediatamente que esta cura offerecia grandes difficuldades, porque os desarranjos de uma imaginação enferma são sempre mais graves, e, póde dizer-se, que incuraveis, quando resultam de uma profunda affecção de espirito. Comtudo, insistiu, porque contava com um auxiliar, que se mostra sempre habil no alivio de todos os soffrimentos, — o tempo, que tudo consome, e que é eterno no meio das nossas magoas, e dos nossos prazeres sempre transitorios. Quiz ensaiar a distracção e o estudo, e chamou as artes em auxilio da sua doente, as artes que ella tinha esquecido, mas cuja impressão não tardou em fazer-se sentir com mais força ainda n'esta organização excepcional. Aprender, diz um philosopho, talvez que seja recordar. Para ella foi inventar. A sua primeira lição levou os espectadores desde a simples admiração até ao enthusiasmo e ao fanatismo. Os bons resultados que obteve foram rapidos, e bem depressa se apoderou d'ella propria o enthusiasmo que excitava nos seus ouvintes. Existem naturezas privilegiadas, que a gloria indemnisa da felicidade, e esta compensação lhe foi maravilhosamente dispensada pela Providencia, porque a felicidade e a gloria quasi nunca se acham reunidas. Finalmente curou-se, e ficou em estado de contar a sua historia, e dar-se a conhecer ao seu bemfeitor, que é quem me transmittiu o que acabaeis de ouvir. Mas o ter recuperado o uso da razão, seria para Iguez uma nova desgraça, se não tivera recuperado tambem os recursos que lhe fornecia o seu talento. Podeis imaginar que os offere-

cimentos não lhe faltaram desde que se espalhou a noticia, que ella tinha tenção de voltar á scena. Já dez cidades diferentes a disputavam, e ameaçavam de a levar, quando Bascara poudo vê-la hontem, e contratal-a para a sua companhia,

—Na companhia de Bascara! exclamei eu rindo. Ficae certo que ella sabe agora o que deve pensar quanto aos terriveis conspiradores do castello de Ghismondo.

—É o que tu nos vaes explicar, disse Pablo, porque parecees muito ao facto d'estes mysterios. Peço-te, pois, que falles.

—Não poderá, talvez, disse Estella em tom que denunciava o seu despeito. É um segredo que não pôde revelar a pessoa alguma.

—Ha um momento que isso era verdade, respondi eu; mas um momento só effeitou uma grande mudança nas minhas idéas, e nas minhas resoluções. Acabo de ficar livre e desligado do meu juramento.

—Escuso dizer, que contei então o que ha um mez vos referi, e que sem difficuldade me dispensareis de vos contar hoje, ainda mesmo que não tivesseis bem presente a minha historia. Não sou capaz de lhe dar taes attractivos, que a faça ouvir duas vezes de boa vontade.

—Ao menos sois um bom logico, disse o substituto, para tirar uma consequencia, e declaro-vos que não daria um ceitil pela historia, ainda a mais engraçada, se d'ella não resultasse uma lição para o espirito. O bom Perrault, nosso mestre, sabia tirar d'estes contos, os mais triviaes, muitas e graves moralidades.

—Ai de mim! respondi eu, levantando as

mãos aos céus, de quem me fallaes? de um dos genios mais transcendentés, que tem esclarecido a humanidade desde Homero! Oh! os romancistas do meu tempo, e os auctores de contos, não aspiram a parecerem-se com elle. Dir-vos-hei mesmo, até aqui entre nós, que se dariam por muito humilhados com a comparação. O que elles querem, meu charo substituto, é a fama diaria que se obtem com o dinheiro, dinheiro que sempre se chega a ganhar bem ou mal, quando se tem a fama.

A moral, tão necessaria, segundo o vosso parecer, é o menor dos seus cuidados. No entanto, com o desejaes, vou acabar por um proverbio, que me parece ser meu, mas que, procurando bem, talvez se ache n'outra parte; porque já nada ha, que se não tenha dito:—*Acreditar tudo é de um imbecil, negar tudo é de tolo.*—

Se vos não agrada este, pouco custa usar de um outro tirado aos hespanhoes, visto que estou no seu paiz:

*De las cosas mas seguras
La mas segura és dudar.*

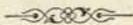
Isto quer dizer, minha chara Eudoxia, que *de todas as cousas certas, a mais certa é duvidar.*

Eu ia continuando, quando me lembrou levantar os olhos para o substituto, conheci então, com grande pezar meu, que se tinha deixado adormecer, e acho que não fez mal.

FIM.



RECORDAÇÕES DOS PRINCIPADOS DANUBIANOS.



HA um anno, que aos meus ouvidos re-soava constantemente uma unica palavra, — os principados danubianos. — Thema obrigado de todas as conversações, parece que de proposito o repetiam diante de mim, como uma especie de provocação. Lia um jornal, via logo em grandes caracteres, — dos principados danubianos nos escrevem em data de tantos. . . . E, mais abaixo, — escrevem do Bucharest á *Independencia Belga*. . . . Dizem de Jassy ao *Jornal dos Debates*. . . . Passava adiante, e achava logo: — é fóra de duvida, que os russos hão de evacuar dentro em 15 dias os princi-



PRINCIPE STIRBEY — HOSPODAR DA VALLACHIA.

pados danubianos. . . . sabe-se com toda a certeza, que os austriacos hão de entrar dentro de um mez nos principados danubianos. . . . Quando, já farto de lèr nos jornaes noticias dos principados, ia dar o meu passeio pelas ruas, para escapar á terrivel palavra, não passava por loja de livreiro, onde não visse á porta, em letras de palmo e meio = Carta geral dos

principados danubianos.—Historia da invasão dos russos nos principados danubianos.—Constituição, organização e costumes dos principados danubianos.—Desesperado com esta repetição incessante e monotona dos principados, lembrei-me fazer uma digressão a Londres para buscar novas impressões, e ouvir fallar n'outros assumptos. Embarquei em Calais, desembarquei em Douvres, e ao pôr o primeiro pé nas terras d'Albion, salta-me um inglez, mais magro do que um cavallo sustentado um mez a caranguejos, e mais alto do que o mastro da gata da nau *Wellington*, e pendurando-se-me ao pescoco n'uma expansão de alegria, que se assimilava muito a um systema civilisado de enforçar cidadãos, grita-me aos ouvidos em tom de desharmonioso falsete:—sabe alguma noticia dos principados danubianos?—Perdi de todo a paciencia. Via-me irrevogavelmente condemnado a ouvir fallar nos principados danubianos, desde a manhã até á noite. Uma lembrança feliz deu-me, comtudo, um raio de esperanza: existia de certo um paiz onde os jornaes não haviam dizer,—escrevem dos principados danubianos.... dizem dos principados danubianos.... onde os massadores não haviam perguntar noticias dos principados danubianos; onde em resumo esta palavra, mil vezes repetida durante o dia, não viria ferir os meus ouvidos,—esta terra era inquestionavelmente os mesmos principados; lá podia descançar, que seria eu que havia de incommodar as outras pessoas com as minhas noticias datadas d'aquellas terras; resolvi, pois, *in continenti*, marchar para lá. Cheguei ha dois dias apenas, e d'este canto remoto, a 700 leguas de Paris, vou tirar a minha desforra, vou-me vingar, como um corso ou um circassiano, isto é, fazendo soffrer igual castigo aos meus perseguidores; vou mandar já, para quantos jornaes eu conhecer, as minhas *recordações* dos principados danubianos, pedindo apenas aos srs. redactores o particular obsequio de mandarem escolher o typo mais graudo das suas typographias, para pôrem o titulo n'este meu trabalho, de que o fim é, como acabo de confessar, o summo prazer da vingança.

As minhas impressões de viagem de Londres a Vienna d'Austria, nada têm com os principados danubianos, prescindirei d'ellas, porque são, além d'isso, como a de todas as outras viagens que se fazem presentemente, parte por mar, parte por terra, e em que o vapor figura sempre, abreviando as distancias, e tornando a viação uma maravilha.

Cheguei a Vienna; as scenas haviam-se mudado, era eu agora quem fallava, pergun-

tava, e incommodava a todos com os principados danubianos, interessando-me pelas menores circumstancias que lhe diziam respeito.

O meu amigo B..., a quem communiquei as minhas intencões, e o fim da minha viagem, disse-me logo: podes principiar n'esta mesma cidade a satisfazer a tua curiosidade de viajante. Fiquei admirado, e persuadi-me até, que os principados, agradecidos ao cuidado que têm merecido á Europa, vinham subindo o Danubio para lhe fazer os seus obsequiosos cumprimentos.

Então como, e por que modo, lhe disse eu.—Apresentando-te ao principe Stirbey, *hospodar* da Vallachia, e actualmente emigrado n'esta cidade; quem vê o rei de um paiz, já não deixa de ver alguma cousa d'esse paiz, Effectivamente no outro dia fomos procurar o principe.

Barbo-Bibesco-Stirbey, principe e hospodar da Vallachia, tem hoje quasi sessenta annos, posto que a sua physionomia inculque menos idade. É alto e delgado, mas nem por isso deixa de mostrar uma vigorosa saude. O seu aspecto inculca certa finura, ainda que o principe pareceu-me não ter aquelle apuro, que distingue a alta sociedade do seu paiz natal, e que eu depois tive occasião de observar.

Elle mesmo se encarregou de nos contar a sua historia. Parece não tirar grande vangloria da sua ascendencia, pois nos confessou com uma ingenuidade, que não lhe perdoariam, talvez, em os salões de Paris, que seu avô havia sido cocheiro, e que seu pae havia entrado muito moço para o serviço de uma casa das mais illustres do paiz, onde se distinguuiu depressa pela sua habilidade e intelligencia. Efficazmente protegido por algumas pessoas de alta distincção, poude por fim vir a occupar uma posição politica.

Nestas circumstancias, querendo dar a seus filhos uma educação mais desenvolvida e racional, do que a que se dava n'essa epocha em a Vallachia, mandou seus dois filhos a Paris, para seguirem um curso de estudos em analogia com o adiantamento da epocha. Foi a origem de toda a sua fortuna. Ao voltarem para o seu paiz natal, os dois irmãos Bibescos foram recebidos com as maiores demonstrações de estima, em consequencia da sua vasta erudição e brilhantes qualidades, e logo empregados no serviço publico ás ordens do principe Ghika.

Ides aos principados, me disse Stirbey, exprimindo-se em francez correcto e até elegante, será possível que ahi oucaes dizer, que Stirbey atraioava o seu protector, e vendia

a pêsso d'ouro a sua amizade, — é uma calúnia; — juro-o por quanto ha n'este mundo de mais sagrado; sois um francez, continuou com certa commoção, que de balde procurava encobrir, sois um cavalheiro, passei a minha mocidade em França, sei a nobreza de caracter, que distingue a vossa nação, a-creditareis a palavra solemne de um homem, outr'ora feliz, e hoje apenas um emigrado: é uma grande calúnia a minha supposta traição, podeis desmentil-a, se por acaso a ouvirdes, e pelas cinzas de meu pae vos juro, que fallareis a verdade. Mal sabe o principe, talvez, que não é esta só a unica nodoa, que os seus inimigos têm procurado lançar no seu caracter: sube depois nos principados, que se dizia mui seriamente, que, por occasião dos russos occuparem os principados em 1818, foi principalmente por intervenção d'elle, que se apossaram dos archivos dos principados, e os poderam levar.

Esta parece evidentemente outra grande calúnia, o que se demonstra pela pertinacia com que a policia russiana tem constantemente perseguido os dois irmãos, longe de os recompensar, tanto que este existe emigrado, em quanto os russos occupam os principados.

Despedi-me do principe; mas a sua historia me havia feito nascer uma curiosidade, era saber o que vinha a ser um *hospodar*, visto que, parecendo equivaler pouco mais ou menos a soberano, era impossivel passar de neto de cocheiro e filho de criado de servir a soberano de um estado, que, ainda assim, não era lá dos mais pequenos.

Recorri ao meu amigo B..., que me disse pouco mais ou menos o seguinte:

«A Moldavia e a Vallachia faziam parte do antigo reino da Dacia, quando Trajano se a-

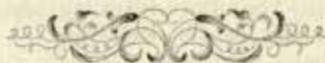
poderou d'elle. No meio das invasões dos godos, dos ávaros, dos slavos e dos tartaros, estas duas provincias poderam conservar a sua nacionalidade. Debaixo da sozerania do imperio grego tiveram principes, que chamavam indistinctamente *vãirodes* ou *hospodars*, que é uma palavra slavonia, que significa — *senhor*.

«Desde 1716, que os hospodares haviam sido escolhidos entre os *phanariotas*, isto é, os descendentes das familias gregas antigamente estabelecidas em Constantinopla no bairro de Phanar. Mas uma insurreição terrivel, que rebentou em 1821, substituiu um principe indigena ao ultimo phanariota. O cargo de hospodar durava ao principio sete annos, ultimamente (desde 1839) tornou-se vitalicio, salvo os casos de abdicção voluntaria, ou crime que mereça a destituição.

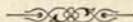
«O hospodar regula livremente todos os negocios interiores da sua provincia, consultando o seu divan, sem poder, comtudo, atacar os direitos, que gozam os dois paizes. Os hospodares são eleitos n'uma assemblea composta do metropolitano, de dois bispos, dezeseis boyardos, e treze deputados de districto, nomeados pela nobreza e negociantes matriculados. O seu divan ou ministerio compõe-se do ministro dos negocios do interior, do das finanças, do *postelreich* ou ministro dos negocios estrangeiros, do *hetman* ou ministro da guerra, e do ministro da justiça e dos cultos.

Não ha actualmente condição alguma, que seja indispensavel para a eleição.

Satisfeita assim esta minha primeira curiosidade, no outro dia embarquei n'um barco de vapor da companhia do *Loyd* para seguir viagem pelo Danubio abaixo.



MISCELLANEA.



OS ESCRAVOS NA RUSSIA

(Continuado da pag. 202 do G.º n.º)

III.



CHA-SE uma descripção muito exacta do supplicio do *knout* na obra recentemente publicada por mr. Lagny, e intitulada, — *o knout e os russos*.

Imaginae um homem robusto, cheio de vida e de saude. Este infeliz é condemnado a cem pancadas de *knout*. Conduzem-o meio despido ao logar destinado para a execução d'este genero; umas simples ceroulas lhe cobrem a extremidade inferior do corpo. Traz as mãos prêsas uma à outra, e grossas cordas lhe roxeam os pulsos, não importa! Deitam-o de barriga para baixo sobre um cavallete inclinado diagonalmente, e nas extremidades do qual estão pregados dois aneis de ferro. A uma d'estas argolas atam-se as mãos do padecente, à outra os pés, e distendido de maneira tal, que lhe seja impossivel fazer o mais pequeno movimento, é exactamente como se se estendesse na parede uma pelle para seccar. Esta tensão é tão forte, que faz estalar e desconjuntar os ossos; mas isso que importa, dentro em pouco vão elles tambem estalar e desconjuntar-se de outra maneira. A 25 passos d'alli está um outro homem, é o executor d'alta justiça. Veste calça de veludo preto, camiza d'algodão de côr, abotoada ao lado, e traz as botas por cima da calça. As mangas da camiza estão completamente arregaçadas de maneira, que nada opprime, ou difficulta os seus movimentos. Segura com as duas mãos o instrumento do supplicio, — *o knout*.

O *knout* é um chicote de couro grosso, cortado triangularmente, e do comprimento de 3 a 4 metros (13½ a 18 palmos aproximadamente) da largura de uma pollegada, adelgaçan-

do para um dos extremos, e terminando em quadrado pelo outro; um dos lados está prêsso a um pequeno cabo de páu, que tem 2 pés de comprido.

Feito um signal, e sem se darem ao incommodo de lér a sentença, o executor dá alguns passos, com o corpo inclinado, arrastando este comprido chicote, que segura com ambas as mãos, como já dissemos. A' distancia de 3 ou 4 passos do padecente, levanta o *knout* com toda a força até à altura da cabeça, abaixando-o logo rapidamente para os joelhos. O chicote gyra no ar, cae silvando sobre as costas do padecente, que abraça como se fosse um circulo de ferro. Não obstante o estado de tensão, a que está sujeito o paciente, salta como se fôra sujeito á acção da machina electrica. O executor volta então á retaguarda, e repete a mesma manobra tantas vezes, quantas chicotadas o condemnado ha de soffrer. Quando as diversas correias do latego cingem o corpo, a pelle e os musculos são litteralmente cortados em tiras como se fosse com uma navalha de barba; mas se o chicote assenta de lado, então os ossos estalam; as carnes não são cortadas, mas são pisadas, esmagadas, o sangue corre de todos os lados, e o padecente torna-se de uma côr roxeada, como se fosse já um cadaver em putrefacção.

Depois d'isto é levado para o hospital, onde o tractam com todo o cuidado; mas em seguida enviam-o para a Siberia, onde se esconde para sempre nas entranhas da terra.

O *knout* é mortal, se assim o deseja o Czar ou o algoz. Se por acaso o autocrata quer dar ao seu povo um espectaculo digno dos seus olhos e da sua intelligencia, se algum senhor poderoso, ou alguma dama de qualidade quer gozar d'este sanguinolento espe-

ctaculo; se querem vêr a victima com a boca cheia de espuma e ensanguentada, extorcer-se e expirar nos mais horribes soffrimentos, então o golpe mortal será dado no fim. O carrasco vende a sua misericordia e a sua compaixão a pêso d'ouro. Quando a familia do padecente quer comprar o golpe mortal, então elle ao primeiro acoite dá a morte com tanta certeza, como se tivesse um cutêlo na mão.

Depois do *knout* vem as *batloques* (varadas), supplicio de um outro genero, mas ainda mais barbaro, porque 99 vezes por cada 100 segue-se-lhe a morte. Quanto a este, é o exercito que executa a justiça do paiz, e as sentenças do autocrata. O exercito é que serve de algoz.

Quantas varadas, quantos soldados.

Seis mil não é a quantidade mais elevada que a lei permite applicar aos criminosos; mas é a cifra mais usada, e ainda n'isto a legislação se mostrou engenhosa. Menos de mil varadas bastam para matar, com seis mil, por consequencia, a morte é seis vezes mais certa.

Só uma vez me foi permittido assistir a este genero de execução. Eis-aqui em resumo o que presenciei.

Foi no anno de 1841. O infeliz condemnado era um guarda florestal, sueco d'origem, e em toda a força da idade: Tinha nascido nos arredores Wiborga, e, por consequencia, homem livre como os outros suecos, seus compatriotas. Tinha estado durante muitos annos ao serviço d'um principe que o havia despedido sem lhe pagar os seus vencimentos. É este ordinariamente o costume dos *boyardos* russos. Tinha mulher e filhos, e ha muitos annos que andava solicitando o pagamento do que lhe era devido.

Ia começar o inverno, e faltava tudo em casa do infeliz, roupa, lenha, pão, absolutamente todas as commodidades da vida. Bastantes vezes o guarda tinha vindo a pé a S. Petersburgo solicitar do seu devedor, como uma graça, aquillo que em outro qualquer paiz lhe teria exigido como um dever, e descrevia sempre ao seu antigo amo as miserias que affligiam tanto a elle como á sua familia; e lhe supplicava humildemente que lhe mandasse pagar alguma cousa. Mas um grande senhor, que possui 15,000 ou 20,000 escravos, não conhece lá estas miserias, nunca soffreu, nem receia soffrer a fome e as desgraças. O sueco foi por isso expulso de casa ás vardascadas: pois se aquelle triste, aquelle camponio se atrevia a incommodar as sestras do senhor, e perturbar-

lhe as suas pacificas digestões! Sem meios al-guns, exasperado pelo tractamento indigno que acaba de soffrer, fóra de si, lança mão d'uma pistola, e volta a ter com o principe, que o manda novamente desancar, e pôr pela porta fóra.

O sueco perde completamente a cabeça: espera o principe á saída da porta, alira-lhe um tiro, que o mata immediatamente.

As formalidades d'um processo ordinario seriam muito longas! Um villão matar um senhor! Um *boyardo!* Um principe! Era inaudito, e podia ser d'um pessimo exemplo para o povo. Além de que em todos os paizes isto sempre era um assassinio; e não seremos nós que o procuraremos desculpar. Levado, algumas horas depois de commettido o crime, perante um conselho de guerra, que se limitou a verificar simplesmente a sua identidade, o sueco foi condemnado a seis mil varadas; e 24 horas depois, seis mil homens, formados em duas linhas, parallelas, em uma planicie fóra da cidade, esperavam, munidos com as competentes varas da grossura do dedo minimo, que chegasse a hora da execução. O condemnado appareceu em um carró escoltado por alguns soldados; nenhum sacerdote lhe tinha prestado as ultimas consolações.

Vinha prêso de pés e mãos, e trazia umas calçotas atadas com uma corréa e seguras por uma fivella sobre os rins. O resto do corpo estava despido e coberto simplesmente com um capote de soldado que lhe tinham deitado por as costas. Fizeram-no apear, e ataram-lhe fortemente as mãos aos canos de duas espingardas de munição, cruzadas na altura das baionetas que tinham armadas.

D'esta maneira, as mãos encostavam-se ao cano da espingarda, as baionetas tocavam o peito do infeliz. Os tambores rufaram então, todos os officiaes entraram no seu logar, e dois officiaes inferiores vieram segurar as espingardas, que conservaram constantemente da mesma maneira, e na mesma posição, que um soldado que recua de baioneta callada. N'isto admiraie ainda o apuro da barbaridade intelligente d'este povo! O padecente, a um signal dado, deve avançar a passos lentos entre as duas fileiras dos soldados, cada um dos quaes por sua vez ha de descarregar-lhe nas costas uma chibatada. A dôr podia suscitar-lhe a lembrança de passar o mais depressa possivel, por entre esta serie de algozes, evitando assim o numero e a violencia dos golpes que lhe despedaçam as carnes; mas isto era não contar com a perspicacia da justiça russiana, os dois officiaes inferiores recuam passo a passo, e muito de vagar para

dar tempo a que todos cumpram a sua missão, e demoram ou repellem o paciente, segundo é necessario, enterrando-lhe no peito a ponta das baionetas. Nenhuma pancada deve escapar, é preciso que todas assentem nas costas do infeliz, e lhe façam arrebentar o sangue. Nada de compaixão, cada um deve fazer o seu dever.

O soldado moscovita é uma machina que não deve ter sentimento algum, e mal das suas proprias costas, se mostra a minima hesitação: logo alli, acto continuo, levará de vinte e seis a cem varadas, segundo o capricho do general, que tem a honra de commandar estes seis mil algozes. O governo russo é escrupuloso até nos mais pequenos promenores. Deseja que tudo se faça em regra, e como com taes individuos nada se pôde arriscar, fazem-se exercicios para executar um padecente, como se fosse para passar uma revista; um molho de palha ou de feno, posto sobre um carro, passa algumas horas antes, por meio das fileiras e n'elle se faz o ensaio.

O nosso padecente avançou até levar noventa e tres varadas.

Até então não tinha dado um só grito, ou soltado uma queixa; sómente de espaço a espaço, um tremor convulso accusava a agonia. Mas então a escuma começou a sair-lhe por a boca, e o sangue a correr pelo nariz. Depois das mil e quatrocentas, a face, que já ha tempo tinha tomado uma cor azulada, de repente tornou-se rixa; os olhos, desvairados, pareciam querer sair das orbitas, d'onde caíam grossas lagrimas sanguinolentas, que lhe inundavam o rosto. Estava suffocado, e finalmente caiu.

O official, que me tinha acompanhado, me levou entre as fileiras e me fez aproximar do cadaver.

A pelle estava litteralmente arrancada, pôde dizer-se que havia desaparecido; a carne estava toda cortada, e reduzida a pasta; n'outros sitios, grandes pedaços pendiam das ilhargas como se fossem liras; não fallando na que tinha ficado pegada ás varas dos executores; os musculos estavam despedaçados.

Não ha lingua alguma humana que tenha phrases para descrever este espectáculo.

O commandante mandou avançar o carro que tinha trazido o condemnado. Deitaram-no em cima, de barriga para baixo, e posto que tivesse perdido inteiramente os sentidos, continuaram o supplicio sobre aquella especie de cadaver, até que o cirurgião commissionedo pelo governo, e que seguia passo a passo a execução, deu ordem para a suspender, o que fez só quando restava ao padecente um unico sopro de vida.

N'este momento duas mil seiscentas e dezoito varadas tinham reduzido o corpo do padecente a uma massa informe.»

Dar n'um cadaver não é demasiada crueldade, e não inspira sufficiente terror áquelles escravos, é necessario que o homem viva para cumprir toda a sua sentença.

Levaram o infeliz para o hospital, onde foi, como é costume, mettido n'um banho de agua saturada de sal, depois curado e tractado com o maior esmero, até perfeito restabelecimento para poder acabar de cumprir a sua sentença. As leis penaes da Russia mostram-se sempre d'uma barbaridade atroz. Este desgraçado levou sete mezes a curar e a restabelecer-se, e no fim d'este tempo, foi tornado a levar com as mesmas formalidades ao logar do supplicio, e passado novamente pelas varas até á conta das seis mil. Morreu logo no principio d'esta segunda execução.

NOVA EXPLICAÇÃO DOS TREMORES DE TERRA.

DESDE os tempos, os mais remotos, que se havia notado uma certa relação entre os dois phenomenos, tremores de terra e erupções volcanicas, de maneira, que ora um parecia a causa, ora o effeito do outro; ou, para melhor dizer, pareciam

ambos depender de uma causa unica, que os dominava.

Thales attribuia os tremores de terra ao effeito da agua, porque, ordinariamente nos violentos abalos, o mar, ora se eleva muito, saindo fóra das praias, ora se retira deixando-as

a descoberto; o philosopho grego tomára assim um accidente pela verdadeira causa do phenomeno.—Archelau, Aristoteles e Theophraste, partindo de uma physica imaginaria, attribuia-os ao vento que penetrava no interior da terra.—Anaximenes, evidentemente preocupado pelas erupções volcanicas, achava a causa dos tremores no desmoronamento das cavernas; finalmente, Anaxagoras, attribuia-os á mesma origem do raio, e das tempestades.

Nos tempos modernos, as explicações não têm sido menos infelizes do que as da antiguidade; uns encarando só uma das faces da questão; têm asseverado que os tremores de terra são devidos a perturbações das correntes electricas, que supõem existirem a mui pequena profundidade da crusta do globo; outros (e á frente d'estes está mr. Bousingault) attribuem os tremores de terra dos Andes, aos desmoronamentos que se effectuam no interior d'estas montanhas, por effeito dos aterros, e amontoação de terras que alli se dá. Mas de todas as explicações, que se têm apresentado, a que merece aos sabios maior credito, tem por base ao mesmo tempo a composição do nosso globo, e as leis da attracção universal

O interior da terra, segundo a opinião geral, está, por causa da sua alta temperatura, em um estado liquido, ou pelo menos de pasta, e o globo não tem solido mais do que uma camada muito delgada, comparativamente falando, por consequencia a massa interior, privada de solidez, deve ter tendencia a ceder, como a massa superficial das aguas marinhas, ás forças attractivas exercidas pelo sol e pela lua, e por consequencia dilatar-se na direcção dos raios vectores dos dois astros; mas como esta tendencia encontra na rigidez da crusta ou camada solida uma forte resistencia, succede então que os esforços da massa interior contra a parte superficial ou solida, originam n'esta abalo e ruptura.

Tal é, em poucas palavras, a explicação mais geralmente admittida quanto á origem dos tremores de terra e dos volcões.

Mas se isto se passa assim effectivamente, se é á attracção do sol e da lua, que devemos attribuir os movimentos da massa fluida contra a crusta terrestre, devem por força existir relações entre a produção d'estes movimentos, e as phases da lua, como existe entre estas ultimas, e as marés do Oceano.

Mr. Alexis Perrey, professor na faculdade de sciencias de Dijon, ha muito que se encarregou d'esta verificação, trabalho immenso, cheio de arduas investigações, porque, para reunir uma quantidade de factos importantes, é preciso não só recolher de todos os pontos do globo os elementos do problema, mas tambem levar as indagações até á mais remota antiguidade, de que as narrações são ás vezes contradictorias.

O auctor não tem recuado diante d'esta tarefa enorme, e algumas vezes ingrata; e depois de ter reunido um numero bastante consideravel de observações, julga poder apresentar, debaixo de tres fórmulas diversas e independentes uma da outra, a influencia da marcha da lua na producção dos tremores de terra, e mostra:

- 1.º—Que a frequencia dos tremores de terra augmenta para as syzygias.
- 2.º—Que a sua frequencia augmenta tambem nas proximidades do perigêo da lua, e diminue pelo contrario no apogêo.
- 3.º—Que os tremores de terra são mais frequentes quando a lua está na proximidade do meridiano, do que quando está afastada d'elle 90°.

Todos comprehenderão de que valor é para a sciencia a demonstração de alguma maneira experimental a que se propoz mr. Alexis Perrey, e quanto se deve desejar que o auctor possa levar ao cabo este util e interessante trabalho.



POESIA.

UMA PAIXÃO

ROMANCE EM VERSO E EM CARTAS.

(Continuado de pag. 206 do 6.º n.º)

CARTA TERCEIRA.

FRONTINO A ADELIA.

É possível, meu Deus? És tu, Adelia?
 A meiga Adelia, quem firmou tal carta?
 Não existe o amor em peito d'homens!
 É erro vão que só se diz brincando.
 Inda os proprios tyrannos têm sentido,
 No peito o coração, máu grado ás iras;
 Néro matou a mãe, mas teve um filho,
 E o monstro imperial, rugindo em furias,
 Por não ter o mundo todo uma cabeça,
 Que o algoz d'um golpe só exterminasse,
 Os labios sequiosos de vinganças
 Em osculos d'amor refrigerava
 De Popéa a infeliz no casto leito.
 O assassino da mãe sentiu amores!
 O tigre amou! Não amará Frontino?
 Muda d'opinião, ó minha Adelia,
 Na idade juvenil fallas qual parca,
 Feia, hedionda, que nos homens busca
 Em balde o fogo que nutrir não pôde
 Ao encaral-as o peito mais ardente.
 A essas sim, seremos inconstantes,
 Mas tal crime, se o é, não tem origem
 No peito nosso, más nos rostos d'ellas.
 Se não basta a razão, falle a historia,
 E n'ella haveis de achar o monge austero
 Victima de Fulbert, da cruz á sombra
 A lutar-lhe a paixão contra os deveres,
 E já não homem, mas amante ainda,
 A escaldar com o pranto de saudade
 Do Paracleto as lousas dos sepulchros,
 Porque sob o burel da penitencia,
 Máu grado á devoção, máu grado ás preces,
 Do coração o palpitar sonoro
 Por Deus não era, mas por Heloisa.
 D'Abeillard no sepulchro alguém diria,

Não o existe amor em peito d'homens?
 Não creias, minha Adelia, essa megera,
 Que um acaso infeliz te pôz ao lado,
 Inveja a rala de não ter amantes,
 Serem Narcizos quantos a rodeiam.
 A raiva do ciúme é quem lhe inspira,
 A sentença cruel que tu firmaste.
 Quando alguma mulher, ó minha Adelia,
 Desdenhosa disser—homens são tigres—
 Fito a encara, e tu verás que é feia.
 O que eu sinto por ti não se descreve
 Em phrase d'homens, qu'ria sons ethereos,
 Pura essencia das celestes harmonias.
 No mundo imaginar visões d'Elysios
 Julgá-as bellas, mas trocá-as todas
 Por um de teus olhares, dizendo amores,
 Ou som da tua voz, que diga eu amo
 Odiar por te não vêr a propria vida,
 Ou antes existir como um cadaver,
 Que um milagre d'amor roubou á campa.
 É novo Volta por favor lhe empresta,
 Nervosa contracção, que finge a vida
 Sentir no peito um fogo que o devora:
 Se isto não é amor, então tu podes
 Ufana repetir, que elle é um sonho;
 Mas não, amar no mundo é lei sagrada:
 Amor existe, porque um Deus existe:
 A lei dos céus, Adelia, não t'esquives,
 Em pranto os olhos, anciada a mente,
 É do fundo de minh'alma que te eu digo:
 Ama, ó Adelia, ama o teu Frontino.

CARTA QUARTA.

ADELIA A FRONTINO.

Tu deliras, Frontino, a tua carta
 Em vão estuda seductoras phrases,
 Bem attenta a reli, ficou-me intacta

No fundo d'alma a minha crença antiga.
 Baldadas as razões, que tu me apontas,
 Vão-se qual fumo, que s'esvaie no espaço,
 Ou antes como a brisa que há passado
 Pelos perfumes de rosal viçoso.
 Em ondas de prazer banha os sentidos,
 Mas passa breve, porque aos céus revôa,
 Deixando apoz de si o desengano.
 Dos hemens o amor é sempre um sonho
 De novo l'o repito, agora e sempre;
 Mas as suas illusões causam a morte,
 Essa morte sem provir, que a morte d'alma
 Não tem resurreição, não tem paraizo,
 E é n'alma, que nos elles assassinam.
 Fallas em Nero, p'ra defeza d'homens.
 Sim, Frontino, tal qual é bello exemplo,
 Inteiro acceito o simile que apontas.
 Mas Nero não foi pae, mancebo, erraste,
 No seio ainda da mãe, matou o filho.
 Na consorte infeliz puniu o monstro
 Qual crime o mais atroz ter-lhe inspirado
 Um momento d'amor, instantes d'homem;
 As entranhas rasgou-lhe ardendo em ira;
 Aos pés da infeliz caiu-lhe o filho
 Cadaver já, e ainda não vivêra!
 A sentença fatal tu a firmaste.
 Amam os homens, como amou um Nero,
 Sim, e todos como elle despedaçam
 Da incauta que os attende os seios d'alma.
 Ao princípio, paixão abrazadora,
 Depois frieza, logo, se podessem,
 P'ra mais livres voar a nova empreza,
 Um punhal. . . isso não, a elles basta
 Um sorriso, um olhar, uma palavra,
 Que á mulher que os amou diga, desprezo.
 Punhaes não ferem, como fere n'alma
 Sorriso de desdem n'uns lábios queridos,
 E é n'alma que nos elles despedaçam.
 Fallas depois no amante d'Heloisa?
 Sombra d'homem, cadaver ambulante,
 A constancia fallaz, que tu lhe notas,
 Duvido ainda se devida fôra
 A raiva de Fulbert, ou á virtude.
 Se homem vivêra por mais tempo entre homens,
 Fôra inconstante, como vós sois todos.
 D'entre nós; ai da miseria donzella,
 Que attenta escuta as expressões d'amante;
 É victima por força: ai d'ella, ai d'ella,
 Se tem o coração junto aos ouvidos,
 E a phrase doce, que ressumbra affectos,
 Primeiro o toca, que a razão a peze.
 Na suave expressão, que elles empregam,
 Eman a seductora entre os protestos,

Qual veio d'agua por palhetas d'ouro,
 Um Elysio de bens espera a todas;
 Constancia eterna, logo promptos juram,
 Mas dos homens na barbara ampulheta
 A sua eternidade é um momento;
 Constante n'elles, só por lei se encontra
 A perfidia, a traição, e o desprezo.
 Se são constantes, é em ser mudaveis.
 No barbaro prazer da novidade
 Acham delicias, que o remorso afoguem.
 Em cantando victoria, avante passam
 Apoz deixando essa infeliz em pranto;
 E rien d'ella, porque o nosso pranto
 Torna viçoso o louro do triumpho.
 Só querem nomes p'ra vaidosa lista:
 Quanta mais infeliz, maior gloria.
 Ao carro vencedor vamos jungidas,
 Espectaculo gostoso á turba em ocio.
 Que bate as palmas da conquista ao Cesar,
 Porque muitas venceu, zombou de muitas.
 Barbara entre vós é lei de guerra,
 Quanto maior traidor, maior triumpho;
 É a misera infeliz, que sente n'alma
 Pungir-lhe fundo, esse desdem que a mata.
 O mundo a acolhe com um rir d'escarneo;
 E para o evitar soffrer devemos
 Tormento que escapou do Dante á idéa,
 A dor no coração, riso nos labios,
 A victima a sorrir, quando o verdugo
 A ponta do punhal no peito crava,
 E co'a dextra inda em sangue vae tolher-lhe
 Os ais da dor nos transees d'agonia;
 Ou os sopros da briza hão de trazer-lhes
 Ao ouvido que zune uns sons d'agouro,
 Uma voz que lhe diga. . . é ella, é ella;
 Verá continuo um braço que a aponte,
 E a pobre corará, quanto é que póde
 Um rosto de mulher córar no mundo.
 De crença não mudei, bem vês, Frontino,
 Pódes, se assim quizeres, chamar-me feia,
 Parca, megera, furia dos infernos;
 Bui da punição, que não recio,
 Estuda novas, seductoras phrases,
 Que mais sonoras o excesso pintem
 Do amor que linges, mas não sentes n'alma;
 Mas não nutras mais tempo a louca idéa
 De me jungires ao carro do triumpho:
 D'Adelia o nome figurar não ha de
 Ao par das outras na vaidosa lista:
 Aos meus ouvidos não dirão os echos
 É ella, é ella, a que venceu Frontino;
 Córar não hei de, como as outras córam
 Ao sorrir d'ironia em labios d'homens.



MODAS.

EXPLICAÇÃO DO FIGURINO.

1.ª FIGURA.

VESTIDO de tafetá verde claro, tendo a saia enfeitada com tres folhos; cada folho tem duas listas de pello de seda verde esmeralda. O corpo do vestido é meio decotado nas costas, e de abas compridas. O decote é guarnecido de franja, assim como as abas. As mangas são compostas de tres fôfos separados por uma pequena franja. A ultima peça da manga é formada por um folho de tafetá todo guarnecido de uma franja, que cae sobre a manga de baixo feita de *valenciennes*. Collarete de *valenciennes*; pulseiras de veludo verde, seguras com tres grandes perolas finas; luvas pardas mui desvanecidas; pequeno chapéu (*capote*) de gaze branco entremeiado de tafetá da mesma cor, e com uma grinalda de verbena; por dentro ramos de verbena e enfeites de blonde; botinhas de tafetá verde.

2.ª FIGURA.

Vestido de tafetá flor de malva, tendo tres folhos guarnecidos de blonde. O corpo do vestido é aberto em quadrados contornados por um rufo de fita; camizinha de renda, cujos quadrados acompanham os do corpo do vestido. Cada quadrado fecha por um botão de amathista muito desvanecida encastoado em ouro. As primeiras mangas abertas, e as de baixo bordadas a ponto d'Inglaterra. Chapéu de palha d'arroz com espigas de palha; o interior do chapéu é de blonde enfeitado de gaze, e as fitas são cor de flor de malva. Ricas pulseiras; luvas cor de palha muito claras. Sapatos de courinho inglez cor de perola, de salto pequeno e laços de fita; meias de linha d'Irlanda bordadas á mão.

QUINTA CARTA.

A viscondessa Ernestina de Saint-Phall,
à condessa de L...

Estou com um ataque de nervos, minha querida L...: n'esta Paris passam-se cousas...

sabem-se cousas... que nem tu fazes idéa. Hontem era a sr.ª Maria Gautherot, estalajadeira em Vitteaux, condemnada á morte por se lhe haver provado, que a 8 d'abril de 1845 envenenara Claudina Bertrand, tia de seu marido, Pedro Gagey; depois, a 10 de dezembro de 1849, repetira a mesma graça a Reine Com-mard, outra tia do marido; a 20 de março de 1851 envenenara igualmente um filho seu de 14 dias!! no 1.º de maio de 1852 matára da mesma maneira um outro filho de 4 dias, e em outubro de 1853 acabou por envenenar um seu hospede, por nome Dougerolles, para lhe roubar 3,000 francos e a sua roupa!!!

Quem poderá lèr, e quasi que assistir a estes processos sem um profundo horror, e uma extrema commoção!

Depois vem o caso do pobre relojoeiro vindo da Suissa com os seus 8,000 relogios para vender; some-se por alguns dias; ao mesmo tempo que, na estação do caminho de ferro do Havre, apparece uma grande caixa de madeira, que fica em deposito para ser expedida pelo primeiro trem; passam-se dois dias, não apparece pessoa alguma para pagar as despezas da caixa; um cheiro infecto começa a denunciar o seu conteúdo, vae abrir-se... era o pobre relojoeiro, menos, já se sabe, os seus 8,000 relogios. Os assassinos estão presos; mas que importa, nem por isso deixa o crime de existir.

Não para aqui: uma pobre menina de 7 annos, apparece morta e horripelmente mutilada, porque o tiro de pistola, que a matou, levou-lhe toda a parte inferior do queixo e um pouco da face; passa-se depois ao exame d'estes restos sanguinolentos, e os medicos asseveram, que a pobre menina fôra victima primeiro de um outro attentado, d'outro genero sim, mas igualmente horroroso.

Que terra esta, que Paris, que mundo este em que eu vivo, minha chara L...! De mais a mais, vae agora um senhor viajante lá por esse mundo de Christo, e vem cá dizer a Paris, que deu com uma tribu de homens, que têm *todos* os caracteres do macaco, de que apenas se distinguem pela falla! Já vês que não lhes falta a impeterivel cauda! Ora, em quanto os taes homens macacos andavam lá por Méca, que é tão perto de *Moca*, não me davam cuidado; mas, para justificar a noticia,

um doutor d'aqui assevera que viu, e tractou um genuino francez, que tinha o tal característico macacal! e Depois... e depois que é o que me pôz em estado de mal te escrever... que appareceu tambem uma mulher com uma cauda de mais de dois palmos de comprido!... Que horror, minha querida L..., uma mulher de cauda... diz-me tu d'ahi que isto é uma grande mentira, senão... senão nunca mais te escrevo, nem appareço a publico, e não sei mesmo se me irei deitar ao Senna.

Mas em quanto não vou, fallar-te-hei das modas, já que assim l'o prometti.

A transição para o outono está hoje pronunciada: disse-se o ultimo adeus ás aguas e aos banhos; o campo abandonou-se ha muito; as modas denunciam a estação, e seguem a passo a passo.

As fazendas aereas e vaporosas desapareceram de todo com os ultimos dias de setembro, para darem logar aos estofos mais graves, *mais pesados*, e escuros.

O tafetá é hoje a fazenda preferida, ha n'este genero milagres artisticos, que excedem quanto a imaginação pôde conceber de mais arduo e caprichoso; os tafetás ora apresentam largas listas de um pello de seda tão fino, tão lustroso, diriamos até *tão doce*, que parece uma bordadura phantastica executada pelas mãos de uma fada n'um momento feliz de inspiração sobrenatural; ora mostram em relêvo flôres de veludo tão frescas, tão mimosas como o bom Deus as costuma crear por esses jardins, e o cultivador encantado conserva com o maior esmero nas suas estufas.

As franjas estão muito em moda, é um enfeite que vae mui bem ás meninas solteiras, e, em geral, ás formosuras, *que começam*. Usam-se nos decotes dos vestidos, nas mangas, junto aos punhos, e por toda a parte onde o capricho das modistas as julga a proposito collocar; este genero de enfeite promette durar toda a estação. Já que fallámos de mangas, dir-te-hei que as mangas hoje mais da moda são... são... não é possivel dizer-te como, porque hoje o que não ha são mangas; podêmos chamar-lhe tudo quanto quizermos, — bonets, chapéus, saccos, toucas, tudo menos mangas. As formas são tão variadas, tão differentes e tão sujeitas á phantasia, que se não sabe quaes são as mais usadas. Para as enfeitar é necessario tanta fita, veludo e renda, como para fazer um chapéu. Assim, vemol-as de folhos, abertas em quadros, á jockey, cortadas em bicos, que vem unir-se uns aos outros por laços de fitas, etc.; em summa, se infelizmente a liberdade está ainda bem longe de raiar para este nosso sexo,

tão puuco favorecido pela sociedade, ao menos, escravas da moda, escravas dos usos, victimas das etiquetas, e de todas as convenções sociaes, começámos a ter liberdade... mas é logo nas mangas dos vestidos, que, para fallar a verdade, é onde nos aproveita menos.

As saias dos vestidos já se não usam tão compridas para o passeios a pé.

As abas resistem sempre; é o Mathusalem no genero, — modas, — e por isso mesmo que alguns vestidos se querem emancipar d'ellas, é que a maioria as apresenta ainda mais compridas.

Continuam os tres folhos nos vestidos; pôde dizer-se que hoje a novidade consiste no modo de os enfeitar, nas fitas, nas guarnições, e na originalidade das mangas.

Os chapéus começam a querer ser chapéus; á força de os recuarem, ultimamente já pareciam que não andavam na cabeça, mas sim ás costas; tinham perdido o character de chapéu para tomarem o de penteador.

Posto que não sejam, por ora extremamente amplos e desenvolvidos, vão, com tudo, vindo muito adiante; acompanham o rosto, e tomaram mais a fórma de chapéu; a novidade da copa quadrada promette ser bem recebida. As fitas dos chapéus já não são tão largas.

A palha continúa a sustentar-se, está reconhecida que é a phenix das modas, renasce das suas proprias cinzas, e quasi sempre parece nova.

As capinhas e sobretudos, que já se começam a vêr, approximam-se do genero *talmas*, mas são mais curtas. O que é de toda a elegancia são os chailes quadrados de cachemira da Persia. São caros? Tanto melhor, é a qualidade mais util que eu lhe acho, não se vulgarizarão, e hão de durar.

Os artigos baratos de modas são sempre os mais caros, vulgarizam-se logo, por consequencia duram apenas um dia; depois passam á criada grave, sem ás vezes ter chegado a servir; como é então que se pôdem dizer baratos!

Os fructos foram, e estão ainda ao presente muito, e mui particularmente usados para os enfeites dos chapéus e das cabeças; são ás vezes pequeninos cachos de uvas entre uma chuva de rosas; depois tentadoras cerejas, que deixam vêr a sua côr purpurina por entre uma chuva de jasmims, isto é bonito e tem feito furor este anno.

Duas palavras sobre os enfeites, e *bijouterias* de cabellos; como é bello e poetico entrar na pequena officina do artista, que parece sabe dar alma a essas madeixas, que a

saudade, o amor, ou a simples amizade lhe leva para transformar! É a mãe triste e saudosa, que lhe entrega os louros cabellos da sua filhinha, que perdeu na aurora da vida; — em poucas horas esses aneis estarão transformados em um tumulosinho, onde a pobre mãe poderá ver a imagem da sua querida filha, morta não, mas adormecendo na eternidade para acordar no seio de Deus; lá está o Anjo a recebê-la, lá está o pequenino leite da innocente, e tudo feito dos seus próprios cabellos; é saudade, é recordação, é um drama e um quadro de familia, o que a mãe leva d'essas madeixas, que entregou ao artista por excellencia. Saudades, rosarios, bordados, figuras, em tudo elle transforma o cabello, e a perfeição nada deixa a desejar.

Descrever-te-hei agora dois *toilettes* mui usados por aqui ao presente.

Toilette de visita. — Chapeu de crepe branco, guarnecido de blonde por cima e por baixo da copa.

Redingote de *moiré* azul carregado, guarnecido na frente de pequenos botões d'ouro.

O corpo do vestido afogado; saia preta com muita roda; mangas largas apertadas só junto ao hombro e no punho.

Chaile de cachemira da India.

Collerete e punhos bordados a ponto de Bruxellas.

Toilette de trazer por casa. — Penteado *artésienne*, o cabello está disposto todo por diante em pequenos aneis (bellezas); uma fita de tafetá os aperta, e passa por baixo de um segundo bandó. Um laço da mesma fita cõe sobre a origem do segundo bandó.

Redingote de tafetá preto, guarnecido de franja preta. O corpo do vestido afogado, muito justo, continuando em *basquine*, que vem acabar em grandes pregas verticaes, e é toda guarnecida de franja.

A manga é dobrada; a primeira é curta e estreita, e termina por uma franja de duas pollegadas, que cõe sobre a primeira peça de manga de baixo, que é composta de tres grandes rufos, cada um guarnecido de franja, e terminada por um aniplo e largo folho.

A saia do vestido é guarnecida por diante de oito ordens de franjas de duas pollegadas e meia, postas a igual distancia, e mettidas entre duas ordens de franjas verticaes, que partem da cintura e vem obliquamente terminar no extremo da saia.

Não podiam os ultimos acontecimentos, que por ali vão por esse mundo, e de que eu na-

da entendo, deixar de influir em as nossas modas.

Os mantos *Schamil* comecam a fazer furor. São de veludo cinzento guarnecidos de galões cor de violeta e de veludo preto; franjas de pennas torcidas, (chamam-se franjas de pennas, as que são pequenas e encrespadas como a plumagem).

Este manto tem quatro palmos e meio de comprimento, é talhado em bico, de maneira que não faz pregas nas costas, e assenta a fio direito. Todo o manto é de uma só peça, e o enfeite, que simula um mantelete, é simplesmente composto de um galão largo (de quatro pollegadas) de veludo ou pellucia, e que é cozido sobre o manto. A parte, que cobre os braços, e na qual está a abertura, fórma largas pregas ou canudos distantes seis a sete pollegadas uns dos outros.

Tem tres ordens de franjas, uma que enfeita a extremidade superior do galão largo, outra um pouco mais abaixo, e a terceira é a que garante o extremo do manto.

Não quero terminar sem te dar conta de uma nova descoberta, que vaé fazer, talvez, uma revolução importante em o nosso mundo feminino. Tracta-se de apresentar na exposição de industria, em Paris, uma nova machina para cozer. Segundo a descripção, que acabo de ouvir fazer da tal machina, dá 500 pontos por minuto; é movida por uma manivella, e trabalha com duas agulhas, uma vertical, outra horisontal; o fio é-lhe fornecido por uns carretes. Coze toda a qualidade de fazendas, quer seja de lã ou panno branco, no primeiro caso risca-se a fazenda com giz de alfaiate na direcção em que se quer fazer a costura; no segundo traça-se o mesmo risco com uma especie de lapis.

Todo o apparelho não tem mais de palmo e meio de comprimento.

Se esta machina corresponder na pratica, qual será o futuro das nossas costureiras?

Teria que ver uma revolução feminina para queimar as taes machinasinhas, e os seus 500 pontos por minuto, que não é graça; para esta não arranchava eu; mas para uma que tivesse por fim não deixar ficar sem marido as raparigas bonitas como tu, e quasi ia dizendo como eu, para essa podias contar comigo; ainda que se a tua ultima carta me não mente, parece-me que para isso não precisará haver *bernarda*; em todo o caso conta com a tua

S. Phall.